

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Manoel Oswaldo Guimarães Junior

**Os boatos alarmistas na perspectiva da Ciência da Informação:
o caso “Tapacurá estourou”**

Recife
2018

Manoel Oswaldo Guimarães Junior

**Os boatos alarmistas na perspectiva da Ciência da Informação:
o caso “Tapacurá estourou”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ciência da informação.

Área de concentração: Informação, memória e tecnologia

Linha de pesquisa: Memória da informação científica e tecnológica

Orientadora: Profa. Dra. Májory K. F. de Oliveira Miranda

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Nathália Sena, CRB4-1719

G963b Guimarães Júnior, Manoel Oswaldo
Os boatos alarmistas na perspectiva da Ciência da Informação: o caso
"Tapacurá estourou" / Manoel Oswaldo Guimarães Júnior. – Recife, 2018.
84 f.: il.

Orientadora: Májory K. F. de Oliveira Miranda.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro
de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2018.

Inclui referências.

1. Boato. 2. Fenômeno info-comunicacional 3. Ciência da Informação. 4.
Memória e cultura. I. Miranda, Májory Karoline Fernandes de Oliveira
(Orientadora). II. Título.

020 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2018-54)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

MANOEL OSWALDO GUIMARÃES JUNIOR

***Os boatos alarmistas na perspectiva da
Ciência da Informação: o caso "Tapacurá estourou"***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 20/02/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª D^{ra} Májory Karoline Fernandes de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Diego Andres Salcedo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª D^{ra} Sonia Aguiar Cruz-Riascos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco



Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação
Av. da Arquitetura, S/N - Cidade Universitária CEP 50740-550
Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-7728 / 7754
www.ufpe.br/ppgci - E-mail: ppgci@ufpe.br



Dedicado a todas as pessoas que vivenciaram
o dia do boato de Tapacurá.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque sem Ele nada é possível.

A Valdirene, minha querida e amada esposa, companheira fiel.

A Amanda e Aline, minhas duas filhas prediletas.

Aos meus pais, Guimarães (*in memorian*) e Socorro, por tudo que me ensinaram na vida.

A prezada colega Mariana Alves, pelas relevantes dicas, sugestões e conselhos para a montagem do pré-projeto e, conseqüentemente, o ingresso no Mestrado.

A professora Májory Miranda, pela orientação, apoio, paciência e por ter acreditado na viabilidade desta pesquisa.

Aos prezados colegas de Mestrado, Adriano Oliveira, Alejandro Rivero, Ângela Gandier, David Carvalho, Eduarda Figueiredo, Elinildo Marinho, Elisângela Santos, Ermeson Nathan, Felipe Mozart, Ítalo Andrade, João Paulo Andrade, Luiz Felipe, Nathália Alves, Suellen Ribeiro e Victor Celerino, pelos bons momentos de aprendizagem, troca de experiências e descontração em sala de aula.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, especialmente a Gilda Verri, Leilah Bufrem, Marcos Galindo, Maria Cristina Guimarães, Nadi Presser e Sandra Siebra, pelas inesquecíveis aulas e debates que tivemos no decorrer do Mestrado.

Aos professores Diego Salcedo e Sonia Riascos, membros da banca examinadora de qualificação e de defesa, pelas valiosas sugestões e contribuições a esta pesquisa.

Aos amigos invisíveis, que me inspiraram durante todo este trabalho.

Enfim, a todos que já passaram por essa minha existência deixando valiosas lições.

Nada se espalha com maior rapidez do que um boato.

(Virgílio)

RESUMO

Os boatos são tão antigos quanto a palavra humana. Antes do aparecimento da escrita, os homens emitiam e recebiam informações baseadas no “ouvir dizer”. É um fenômeno social relacionado à informação e à comunicação, estando presente no cotidiano de qualquer sociedade e cultura. O objetivo geral desta dissertação é analisar o processo de construção e propagação de boatos alarmistas a partir da Ciência da Informação, tendo como ponto de referência a investigação do caso do boato do rompimento da Barragem de Tapacurá em Pernambuco, ocorrida no dia 21 de julho de 1975, fato que abalou a normalidade da população da Região Metropolitana do Recife. “Tapacurá estourou!” era a informação repassada de “boca em boca”, provocando histeria e pânico coletivo na referida região. O problema da pesquisa consiste em saber como são produzidos e propagados boatos classificados como alarmistas, aqueles que alertam e mobilizam um determinado grupo social para um provável acontecimento trágico. Tratando-se de um fenômeno info-comunicacional como o boato, adota-se o Método Quadripolar, formado pelos polos epistemológico, teórico, técnico e morfológico. Incorpora-se ainda a estes, o polo político e o ético. A pesquisa enquadra-se como exploratória de abordagem qualitativa, tendo como procedimento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica, realizada em materiais impressos e virtuais, e documental, realizada em arquivos de órgãos governamentais ou da imprensa da época que relataram o referido caso. Os resultados destacam a influência da memória e da cultura da sociedade pernambucana como elementos criadores de uma falsa explicação para uma situação caracterizada pelo medo, pela incerteza e pela ausência e falhas na transmissão de informações oficiais por parte dos órgãos governamentais e de imprensa. Utiliza-se, como aporte teórico, a representação de um regime de informação na estruturação do fluxo dos boatos.

Palavras-chave: Boato. Fenômeno info-comunicacional. Ciência da Informação. Memória e cultura.

ABSTRACT

Rumors are as old as the human word. Before the appearance of writing, men issued and received information based on "hear-say." It is a social phenomenon related to information and communication, being present in the daily life of any society and culture. The general objective of this dissertation is to analyze the process of construction and propagation of alarmist rumors from the Information Science, having as reference point the investigation of the rumor case of the rupture of the Tapacurá Dam in Pernambuco, occurred on July 21 of 1975, a fact that shook the normality of the population of the Metropolitan Region of Recife. "Tapacura burst!" Was the information passed from word of mouth, causing hysteria and collective panic in that region. The problem with research is to know how rumors are produced and propagated as alarmists, those that alert and mobilize a particular social group to a probable tragic event. In the case of an information-communicational phenomenon such as rumor, the Quadripolar Method, formed by the epistemological, theoretical, technical and morphological poles, is adopted. The political and ethical pole is still incorporated to these. The research is classified as exploratory with a qualitative approach, having as a data collection procedure the bibliographical research, carried out on printed and virtual materials, and documental, carried out in archives of government agencies or the press of the time that reported the said case. The results highlight the influence of the memory and culture of the society of Pernambuco as elements that create a false explanation for a situation characterized by fear, uncertainty and absence and failure to transmit official information by government agencies and the press. It is used, as a theoretical contribution, the representation of an information regime in the structure of the rumor flow.

Keywords: Rumor. Information-communicational phenomenon. Information Science. Memory and culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Análise de Jamuna Prasad.....	22
Figura 2 – Brincadeira do telefone sem fio.....	23
Figura 3 – Análise de Tamotsu Shibutani.....	25
Figura 4 – Análise de Nicholas DiFonzo.....	28
Figura 5 – Má interpretação de uma informação.....	30
Figura 6 – Processo de comunicação.....	46
Figura 7 – Elementos de um modelo de regime de informação.....	54
Figura 8 – Método quadripolar.....	57
Figura 9 – Especulações sobre Tapacurá.....	72
Figura 10 – Amplificação do boato no rádio.....	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais enchentes ocorridas em Pernambuco ao longo da história.....	61
Quadro 2 – Aplicação do regime de informação no boato de Tapacurá: modelo de análise.....	74

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Barragem de Tapacurá.....	62
Imagem 2 – Propaganda informativa.....	63
Imagem 3 – Avenida Agamenon Magalhães na enchente de 1975.....	64
Imagem 4 – Estádio da Ilha do Retiro em 1975.....	64
Imagem 5 – A correria do boato.....	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODECIPE	Coordenadoria de Defesa Civil de Pernambuco
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 O BOATO COMO FENÔMENO INFO-COMUNICACIONAL.....	21
2.1 ORIGEM E PROPAGAÇÃO DOS BOATOS.....	21
2.2 RUMORES E FOFOCAS.....	32
2.3 BOATO: INFORMAÇÃO OU COMUNICAÇÃO?.....	34
2.4 BOATO E DISCURSO.....	36
3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PARADIGMAS, MEMÓRIA, CULTURA E REGIME DE INFORMAÇÃO.....	38
3.1 PARADIGMAS DA CI.....	39
3.2 MEMÓRIA, CULTURA E REGIME DE INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO BOATO.....	48
4 CONSTRUCTO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	56
4.1 MÉTODO DOS 4 POLOS.....	56
4.2 DETALHAMENTO DO POLO TÉCNICO.....	58
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	60
5.1 BREVE HISTÓRICO DAS ENCHENTES EM PERNAMBUCO.....	60
5.2 O BOATO DE TAPACURÁ.....	65
5.3 CONSTRUÇÃO E PROPAGAÇÃO DO BOATO.....	68
5.3.1 O contexto social do boato de Tapacurá.....	68
5.3.2 Influência da memória e da cultura.....	69
5.3.3 Problemas na informação/comunicação.....	70
6 CONSIDERAÇÕES.....	76
REFERÊNCIAS.....	80

1 INTRODUÇÃO

Os boatos são tão antigos quanto a palavra humana. Antes mesmo do surgimento da escrita, os homens emitiam e recebiam informações baseadas no costume do “ouvir dizer”. Apesar do aparecimento das grandes redes de difusão coletiva como a imprensa, o rádio, a televisão e a internet, o boato continua presente e forte no cotidiano das pessoas. Segundo afirmativa de DiFonzo (2009, p. 04), “cada pessoa do planeta, em cada período da história humana, com certeza já esteve envolvida em algum nível de boato ou foi afetada por ele. Trata-se de um empreendimento humano universal”.

De acordo com Bueno (2002), boato é uma notícia sem confirmação e o termo é proveniente do latim tardio *boatatus* que significa “berro ou mugido (de boi)”. Como afirma um famoso adágio popular que “do boi só não se aproveita o berro”, a ideia etimológica do boato corresponde a uma informação que circula em determinado meio, passada de boca em boca, sem fundamento e descartável.

Em contrapartida, há dois ditos populares que incentivam uma averiguação mais atenta ao conteúdo dos boatos: “Onde há fumaça, há fogo” e “todo boato tem um fundo de verdade”. Sob o ângulo da sabedoria popular, o boato não é necessariamente falso ou ruim. Ele pode ser uma fonte de informação válida a respeito de algum assunto ou acontecimento.

Todavia, independentemente da veracidade ou da falsidade, do caráter fugaz ou duradouro, de ser limitado ou extenso, o fato é que o boato é um fenômeno social e está presente em qualquer sociedade e cultura. A questão mais intrigante deste assunto e que merece ser analisada é o seu processo de origem, desenvolvimento e a maneira pela qual se propaga em determinadas circunstâncias e em determinados lugares. Algumas premissas podem ser formuladas no sentido de explicar este problema: seria ausência, ambiguidade ou distorção de uma determinada informação? Deficiência no processo de comunicação? Estado psicológico de um indivíduo ou de um grupo?

Na realidade, o fenômeno dos boatos encerra em si um conjunto de mecanismos que engloba, além da circulação de determinada informação, verdadeira ou falsa, o contexto social, histórico e cultural no qual se realiza todo esse processo. Sendo assim, esta pesquisa parte do seguinte problema: como são produzidos e propagados os boatos classificados como alarmistas, aqueles que alertam e

mobilizam um determinado grupo social ou uma sociedade para um provável perigo ou acontecimento trágico?

O estudo de um famoso caso de boato ocorrido em Pernambuco em 1975 servirá de referência para essa pesquisa. A falsa informação propagada do rompimento da Barragem de Tapacurá no dia 21 de julho daquele ano, abalou a normalidade da população da Região Metropolitana do Recife. “Tapacurá estourou!” era o alerta repassado de “boca em boca”, provocando histeria e pânico coletivo na referida região. Durante cerca de uma hora, numa correria ao estilo “salve-se quem puder”, a população apavorada ganhou as ruas com a possibilidade de ser aniquilada pelas águas. O boato fez com que bancos e comércios fechassem, repartições suspendessem o expediente, táxis e ônibus passassem a ser disputados como meio de salvação. Três pessoas morreram vítimas de ataque cardíaco e mais de cem foram atendidas nos serviços de emergência dos hospitais, devido a atropelamentos, acidentes e crises nervosas, decorrente da correria nas ruas e avenidas da cidade (FONSECA, 2011).

À propósito, com as devidas diferenças de época, lugar e cultura, as características do episódio de Tapacurá guarda muitas semelhanças com outros acontecimentos envolvendo boatos alarmistas que causaram transtornos em algumas sociedades.

Durante o período conturbado da Revolução Francesa, uma surpreendente onda de pânico assolou centenas de aldeias, vilas e cidades, no fenômeno que os historiadores registraram como “O Grande Medo de 1789”. Conforme assinala Lefebvre (1979), a Bastilha havia sido tomada em Paris, a Declaração dos Direitos do Homem era promulgada e o sistema feudal estava em colapso. Consequentemente, a miséria e a insegurança se espalhavam por todo território francês. Neste cenário, começaram a circular histórias de que grupos de bandidos sanguinários, libertados das masmorras e armados pela aristocracia contrarrevolucionária, estavam a invadir campos e povoados, promovendo saques e crueldades. A insegurança vivida nas aldeias dava um tom ameaçador ao mínimo rumor. A análise histórica demonstrou que o pânico foi gerado mais por uma situação imaginária, alimentada por falsos boatos, do que por um perigo real, não impedindo a ocorrência de algumas mortes decorrentes dos tumultos, além dos grandes transtornos provocados pela atrapalhada mobilização popular.

Em outubro de 1938, uma adaptação do livro “*A guerra dos mundos*”, do escritor britânico H.G. Wells, sob a direção de Orson Welles, transmitida pela Rádio CBS de Nova Iorque, arrastou às ruas de inúmeras cidades da costa leste dos Estados Unidos, centenas de milhares de pessoas, apavoradas com a fictícia invasão dos marcianos. O trânsito no centro de Nova Iorque ficou parado por 45 minutos. Os moradores dos arranha-céus de Manhattan, em pânico, refugiaram-se no subsolo ou ganharam as ruas, procurando fugir da cidade. O serviço telefônico entrou em colapso, por causa do excesso de chamadas para a polícia e para os jornais, o que contribuiu para aumentar a sensação de que o país estava sendo invadido por alienígenas. Houve diversas prisões de pessoas que passavam a falsa notícia nas ruas, e a polícia montada teve de empregar gás lacrimogêneo para dispersar e conter a multidão desvairada (FONSECA, 2011).

Em agosto de 1955, na cidade de Port Jervis, no Estado de Nova Iorque, um boato de rompimento da represa de Wallenpaupack, logo após uma enchente, detonou o pânico coletivo. Por quase duas horas, a referida cidade norte-americana viveu o verdadeiro caos. Centenas de pessoas abandonaram suas casas e o trânsito na rodovia principal ficou congestionado. O tumulto não chegou a causar consequências mais graves (FONSECA, 2011). Um aspecto interessante a ser levado em consideração é que, assim como o Recife, Port Jervis tinha uma relação histórica conflituosa com as águas. Localizada no centro de uma cadeia fluvial, formada pelos Rios Delaware e Neversink, a cidade havia enfrentado várias cheias durante a primeira metade do século 20.

Percebe-se que a propagação de qualquer boato no interior de uma sociedade é bastante rápida, assemelhando-se a epidemias de certas doenças. Para um indivíduo contrair doenças epidêmicas, ele deve estar com o seu sistema imunológico baixo, enfraquecido, ou ter uma predisposição orgânica para certas enfermidades. Levando esta simples ilustração para o território dos boatos, o que leva uma sociedade a acreditar e repassar este tipo de informação de forma tão veloz? Qual a característica, deficiência e/ou predisposição informacional de uma dada população que estimula a criação e propagação de boatos?

Conforme demonstrado por Valentim e Teixeira (2012, p.152), “a Ciência da Informação surge como um campo científico preocupado com problemáticas relacionadas à informação, às tecnologias de informação e à comunicação”. Sendo assim, este campo do conhecimento, cujo principal fundamento é tratar da produção,

transferência e uso da informação, pode apresentar um novo olhar nos estudos relacionados aos boatos.

Apesar de ter sido debatido e estudado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, principalmente da Comunicação, da Psicologia e da Sociologia, existem poucos trabalhos acadêmicos sobre os boatos pela ótica da Ciência da Informação. No Repositório Institucional da Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, não foi encontrado nenhum trabalho relacionado ao assunto na referida ciência. Na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos desta área (BRAPCI), encontram-se algumas pesquisas que abordam a temática nas organizações empresariais e no mercado financeiro¹. Entretanto, não existe um trabalho de dimensões similares à proposta desta pesquisa, que se analise e configure o fenômeno dos boatos alarmistas que circulam em determinadas situações pela sociedade na perspectiva da Ciência da Informação.

Tendo como principal característica a interdisciplinaridade, a CI pode dar uma grande contribuição na análise e compreensão dos boatos, que nada mais são do que uma forma social de produção, transferência e uso da informação.

Além das motivações acadêmicas e sociais, a pesquisa também justifica-se pela familiaridade do autor pelo supracitado caso de boato alarmista, que marcou a memória de alguns dos seus parentes mais próximos, bem como pela sua formação em História, um fio condutor importante para a execução deste trabalho.

Com base nessas justificativas, o objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de construção e de propagação de boatos alarmistas a partir da Ciência da Informação, tendo como referência o episódio do falso rompimento da Barragem de Tapacurá em Pernambuco ocorrida em 1975. Como desdobramentos, apresentam-se como objetivos específicos:

- a) Apresentar os principais estudos de referência sobre os boatos;

¹ Inserindo o termo de busca “boato” em palavras-chave no repositório da BRAPCI, encontrou-se os seguintes artigos:

CARDOSO, M. S. E. Na dúvida!? ligue-se na rádio peão. **Transinformação**, v.8, n.2, p.15-32, 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/231>>. Acesso em: 26 Fev. 2018.

CRUZ, F. B. M.; GOMES, M. Y. F. O. S. F. The influence of rumors and its consequences in dynamics of stock market prices. **Brazilian Journal of Information Science**, v.7, n. Esp., 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/13473>>. Acesso em: 26 Fev. 2018.

SANCHOTENE, C.; SILVEIRA, A. C. M.; LAVARDA, S. L. Quando as notícias mais compartilhadas são falsas: a circulação de boatos durante a semana do impeachment no facebook. **Comunicação & Informação**, v.20, n.3, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/28478>>. Acesso em: 26 Fev. 2018.

- b) Rever os estudos referentes aos fundamentos teóricos da Ciência da Informação para a análise do objeto informação, em sua forma de boato;
- c) Identificar elementos teórico-conceituais da memória e da cultura no processo de construção e propagação de boatos alarmistas;
- d) Verificar o contexto histórico das enchentes em Pernambuco que levaram a construção da barragem de Tapacurá.

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pelo Método Quadripolar, um tipo de metodologia de pesquisa bastante utilizada no campo das Ciências Sociais, no qual a prática científica é formada pelos polos epistemológico, teórico, técnico e morfológico. Esta escolha deve-se ao fato do boato ser um fenômeno social dinâmico e, além disso, as dimensões abordadas por este método estarem em constante diálogo e interação entre si no decorrer de todas as etapas de investigação e análise, através de contextualizações e inter-relacionamentos bibliográficos.

Juntamente a esses quatro polos, propostos originalmente por Bruyne *et al.* (1977), acrescentou-se mais dois, conforme estudos de Leilah Bufrem (2013): o político e o ético. Julgou-se bastante conveniente a adoção dessas duas dimensões nesta pesquisa devido ao contexto político inerente ao episódio de Tapacurá e a própria postura ética do pesquisador no desenvolvimento do trabalho, no que se refere a direitos autorais, fidedignidade das fontes e visibilidade dos resultados.

Após essa **Introdução**, onde foi apresentado o tema de forma sucinta, a justificativa e a definição do problema de pesquisa, bem como os objetivos propostos e a metodologia utilizada, segue uma visão geral do corpus da dissertação:

Na seção 2 – **O boato como fenômeno info-comunicacional** – o objeto é analisado através da revisão dos principais estudos de referência relacionados ao processo de construção e de propagação. Aborda-se também a diferença entre boatos, rumores e fofocas. Discute-se a relação do fenômeno na área da informação, da comunicação e da linguística, através da análise de discurso.

Na seção 3 – **Ciência da Informação: paradigmas, memória, cultura e regime de informação** – o objeto é levado para o campo da Ciência da Informação, onde o fenômeno é analisado pelos fundamentos teóricos da CI. Discute-se a relação da memória e da cultura para a configuração de um boato alarmista. Utiliza-se como aporte teórico o regime de informação na estruturação do fluxo dos boatos.

Na seção 4 – **Constructo metodológico da pesquisa** – são descritas as etapas e os procedimentos metodológicos adotados no trabalho.

Na seção 5 – **Resultados e Discussões** – são apresentados e discutidos os resultados e observações obtidas no trabalho de pesquisa.

Finalmente, na seção 6 – **Considerações** – são estabelecidas as conclusões e uma avaliação geral a respeito do trabalho. São sugeridas também algumas recomendações para futuras pesquisas relacionadas aos boatos.

2 O BOATO COMO FENÔMENO INFO-COMUNICACIONAL

Na introdução deste trabalho, o boato foi apresentado como um fenômeno tão antigo quanto a palavra humana, presente antes mesmo do aparecimento da escrita. Em toda parte, é um dos mais assíduos frequentadores de conversas, característica comum no âmbito social. No entanto, o interesse da ciência em estudar esse assunto surgiu apenas na primeira metade do século 20.

O conhecimento que se tem hoje a respeito dos boatos é fruto de significativos trabalhos realizados em vários campos científicos. Todos esses campos darão contribuições para que o fenômeno boato seja estudado e analisado de forma significativa pela Ciência da Informação.

Esta seção representa o **polo epistemológico** da pesquisa, pois irá exercer

uma função de vigilância crítica durante todo o processo investigativo, delimitando a construção do objeto científico e da problemática de investigação. Em última instância, define as regras de produção e de explicação dos factos bem como de compreensão e de validação das teorias. (TERRA, 2014, p.48)

Em outras palavras, este polo promoverá um novo olhar a respeito do objeto científico – o boato –, definindo parâmetros e critérios para orientar o modo de investigação.

2.1 ORIGEM E PROPAGAÇÃO DOS BOATOS

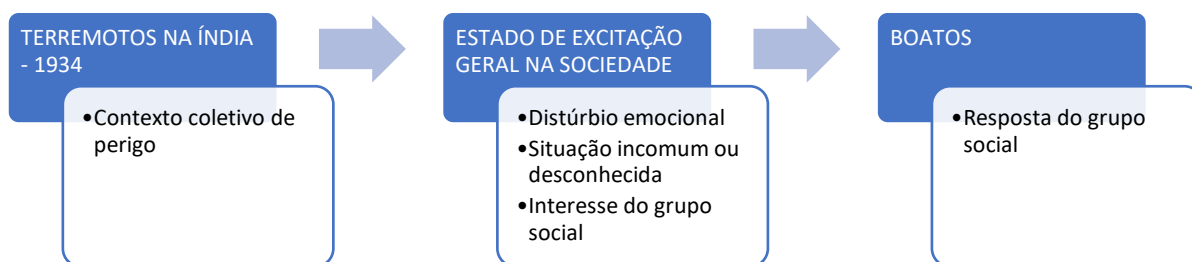
Após uma sequência de terremotos que devastou várias províncias na Índia em 1934, o pesquisador Jamuna Prasad (1935) analisou uma série de boatos que circularam durante o referido período e associou os mesmos aos contextos coletivos de perigo, interpretando a sua natureza e propagação como a resposta dos grupos sociais², a um momento emocional e irracional, às condições coletivas que enfrentavam. Afirmou ainda nesta análise que o estado de excitação geral baixa o senso crítico e predispõe à ilusão.

² Um grupo, do ponto de vista da Sociologia, não é simplesmente um conjunto de indivíduos. Indivíduos em contato são uma condição necessária, mas não suficiente à formação e à caracterização dos grupos sociais. Objetivos e interesses comuns também não bastam. Os grupos sociais existem quando em determinado conjunto de pessoas existem relações estáveis, em razão de objetivos e interesses comuns, assim como sentimentos de identidade grupal desenvolvidos através do contato contínuo. Indivíduos em contato contínuo, objetivos e interesses comuns são, portanto, condições necessárias à formação dos grupos (VILA NOVA, 2013, p.139-140).

Segundo Prasad (1935), o boato é um fenômeno fundamentalmente social, tratando-se de uma informação de interesse público comunicada de forma privada. Para o mesmo autor, o tipo de situação que favorece o surgimento de boatos contém as seguintes características:

- a) Causa um distúrbio emocional;
- b) É de um tipo incomum e não-familiar;
- c) Contém aspectos desconhecidos ao indivíduo afetado;
- d) Apresenta inúmeros fatores não-verificáveis;
- e) É de interesse do grupo.

Figura 1 – Análise de Jamuna Prasad



Fonte: Adaptado pelo autor, 2018

A quantidade de boatos que circularam durante o período da II Guerra Mundial (1939-1945) e os efeitos nocivos sobre a moral das tropas e da população levaram inúmeros estudiosos a se interessar pelo assunto, dentre eles Robert Knapp e Theodore Caplow. Após ter coletado mais de 1.089 boatos no decorrer da guerra, Knapp (1944, p.22) define o mesmo como “uma declaração destinada a ser acreditada, reportando-se à atualidade e posta a circular sem confirmação oficial”. Observando que os canais informais de comunicação eram particularmente importantes para o entendimento do processo de disseminação dos boatos, Caplow (1947, p.299) conceitua como “item de informação com conotações de interesse definidas, transmitido apenas pela comunicação informal de pessoa para pessoa dentro de um grupo”.

Um dos primeiros trabalhos sistematizados e que se tornou um verdadeiro clássico sobre a temática dos boatos é “*The Psychology of Rumor*”, publicado em 1948, pelos professores de Psicologia Gordon W. Allport e Leo Postman. Considerado

um dos livros mais completos sobre o assunto, analisa o fenômeno sob a ótica da Comunicação e da Sociologia, além da Psicologia Social. Os dois autores esquematizam uma série de conceitos, fundando as bases teóricas sobre o fenômeno e analisando o mecanismo psíquico dos rumores.

Logo no início do prefácio, Allport afirma que grande parte das conversas sociais são denominadas *rumor mongering* ou difusão de boatos. Além disso, estabelecem que a condição necessária para a circulação dos mesmos é que os indivíduos suscetíveis devem estar em contato uns com os outros.

Allport e Postman iniciaram suas pesquisas sobre boatos utilizando um sistema parecido com a brincadeira do “telefone sem fio”. Nessa experimentação, cada pessoa passava a descrição verbal de um objeto para a próxima pessoa da linha. Não era permitida qualquer discussão sobre o objeto. Como as pessoas só conseguem se lembrar de um número ilimitado de dados a cada momento, essas “informações” transmitidas em série se tornam menores, ou seja, detalhes e pontos importantes da mensagem se perdem cada vez que a mensagem é repassada.

Figura 2 – Brincadeira do telefone sem fio



Fonte: <https://jorgekotickaudy.wordpress.com/>

Com esta experiência, Allport e Postman (1948) veem o boato como um processo de degradação: no início, tudo é verdadeiro; no final, tudo é falso. Seria uma distorção ou destruição da verdade inicial. E concluem que o boato deve ser encarado sempre com ressalva e precaução, pois se trata de uma informação que, mesmo tendo um “grão de verdade”, contém em si uma dose elevada de alterações ou distorções.

Os dois autores definem o boato como sendo uma proposição ligada aos acontecimentos diários, destinada a ser aumentada, transmitida de pessoa a pessoa, habitualmente através da técnica do “ouvir dizer”, sem que existam dados concretos capazes de testemunhar sua exatidão.

Allport e Postman (1948) também descrevem duas condições básicas que controlam a intensidade da divulgação do boato: a importância do assunto para os interlocutores e a ambiguidade dos fatos. De acordo com os autores, a quantidade de boato em circulação variará em função do produto (conceito algébrico) entre a importância do assunto e a ambiguidade dos fatos a ele relacionados. O que significa que assuntos sem importância ou que estejam devidamente entendidos ou explicados não darão origem a nenhuma forma de boato. Esta relação fica evidenciada através da seguinte fórmula:

$$R = i \times a, \text{ onde:}$$

- R** —————> intensidade do boato;
- i** —————> importância do assunto para o grupo social;
- a** —————> ambiguidade dos fatos.

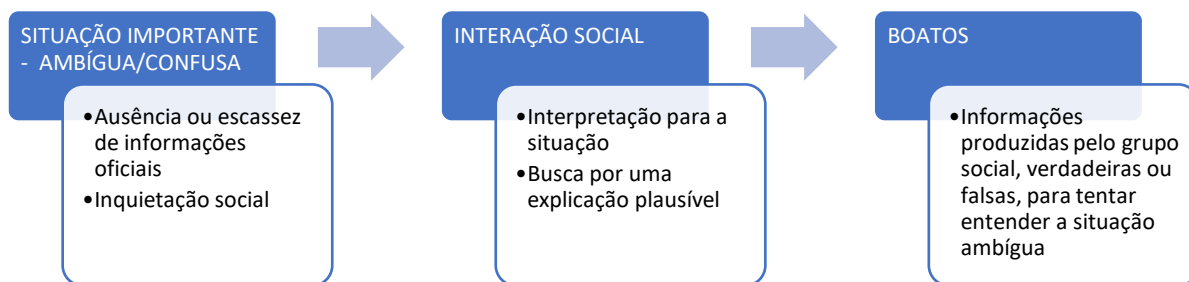
Esta fórmula também pode ser traduzida de outra maneira. Além de representar a ambiguidade dos fatos, o termo **a** pode e deve representar a falta de informações seguras e confiáveis sobre o assunto ou até mesmo falhas ou omissões dos canais formais de comunicações.

Os autores generalizam a fórmula dizendo que o boato é colocado em movimento e continua sua trajetória num meio social homogêneo, devido aos fortes interesses dos indivíduos envolvidos na sua transmissão.

Na continuação deste período de estudo, Peterson e Gist (1951, p.159) apresentam o boato como “um relato ou uma explicação não verificada, circulando de pessoa para pessoa, reportando-se a um objeto, um acontecimento ou uma questão de interesse público”, e destacam a importância de caracterizar a composição cultural do seu público e entender a sua propagação como um processo.

Um outro estudo de referência foi realizado pelo sociólogo Tamotsu Shibutani (1966), onde considera o boato como uma espécie de compartilhamento dos recursos intelectuais do grupo com a finalidade de se construir uma interpretação satisfatória, ante uma situação ambígua. Desse modo, o boato nasce na interação social, no momento em que se procura uma explicação plausível para um acontecimento importante e confuso. Portanto, o boato é simultaneamente um processo de dispersão de informação e um processo de interpretação e de comentário dessa mesma informação. Ver figura 3, a seguir:

Figura 3 – Análise de Tamotsu Shibutani



Fonte: Adaptado pelo autor, 2018

Shibutani (1966) ressalta ainda que, quando a inquietação coletiva é moderada, como no caso de alguma ruptura normal da rotina, a comunicação ocorre através de sistemas informais bem estabelecidos. As informações se avaliam criticamente, e as interpretações que terminam por admitir-se são aceitáveis e razoavelmente exatas. Em contrapartida, quando a comoção é intensa – como numa catástrofe ou no ardor de uma ação tumultuosa –, a capacidade crítica diminui. Novos canais de comunicação surgem espontaneamente. É quando o conteúdo do boato se faz coerente com o estado de ânimo geral – seja medo, cólera, ansiedade ou prazer – e os indivíduos atuam sobre a base de informações que colocariam em dúvida sob outras circunstâncias.

Com uma linha de pensamento semelhante à de Shibutani, o sociólogo francês Jean-Noel Kapferer criou em Paris, em 1984, uma Fundação para o Estudo e a Informação sobre os Rumores que, em pouco tempo, recolheu um acervo de 10 mil boatos. Em 1993, publicou uma das obras de referência sobre o assunto, “*Boatos: o mais antigo mídia do mundo*”. Revisitando e ampliando as pesquisas de outros estudiosos do fenômeno, Kapferer tenta dar respostas mais concisas sobre questões relacionadas aos boatos: como surgem, de onde vem, por que circulam em determinado grupo ou num determinado lugar.

Um dos primeiros aspectos enfatizado pelo autor (1993, p.5), refere-se ao fato de que “o pesquisador não estuda o boato, mas a lembrança/os traços que ele deixou entre as pessoas. O objeto mesmo não é passível de observação”. Por outro lado, afirma que o boato surge quando o público quer compreender algum fato, mas não obtém respostas oficiais e satisfatórias. Kapferer define boato como uma informação não-oficial que começa a circular fora dos canais habituais de comunicação,

geralmente de forma oral, e defende que “é o mercado negro (clandestino) da informação” (1993, p.11).

Corroborando e desenvolvendo as visões de outros autores, Kapferer (1993, p.29) faz a seguinte comparação:

Muitos boatos tem como causa um acontecimento, um fato estranho. O boato é a mobilização da atenção de um grupo: devido a mudanças sucessivas, o grupo tenta reconstruir o *puzzle* constituído pelas peças esparsas que lhe foram relatadas. Quanto mais faltarem peças, mais o inconsciente vai determinar a interpretação. No entanto, quanto mais peças existirem, mais a interpretação estará próxima ao real.

Recentemente, foram publicados três significativos trabalhos sobre os boatos. Além de desenvolver as pesquisas dos seus antecessores, lançam um olhar mais atualizado sobre as dimensões do fenômeno.

Fazendo uma analogia entre uma epidemia viral ocorrida numa ilha e uma epidemia de rumores numa empresa, o economista e publicitário Ferran Ramon-Cortés publicou em 2008 o livro “*Vírus: o perigo dos boatos nas empresas*”. Em sua pesquisa, afirma que essas epidemias são semelhantes em muitos aspectos: no modo de propagação, no mal que podem provocar numa comunidade ou organização e na maneira de se combater-las.

Ramon-Cortés destaca o medo como principal fator que leva as pessoas a propagar boatos. Este medo é proveniente de mudanças mal explicadas e a cenários caracterizados pela incerteza. Além disso, o referido autor (2008, p. 62) ressalta que na construção de boatos “altera-se a história, tornando-a mais aguda, mais interessante e mais incisiva. Tudo isso à base de pequenas manipulações da informação, que lhe dão força”.

Nicholas DiFonzo, professor de Psicologia, publicou em 2009 a obra “*O Poder dos Boatos*”. Sua abordagem analisa a comunicação informal, as formas de difusão dos boatos e rumores, como eles exercem influência no comportamento social, nos negócios e na política. Segundo o próprio DiFonzo (2009, p. 12), “se os rumores levam a importantes mudanças sobre o que as pessoas fazem, dizem ou pensam, então é essencial entender como funcionam”. Enfatiza também que o estudo sobre o boato tem muita afinidade com a psicologia de pessoas e de grupos, sendo um fenômeno frequente no âmbito social.

Tendo como referência o trabalho de outros pesquisadores como Knapp (1944) e Caplow (1947) e a tensão emocional produzida pela sua transmissão, DiFonzo

(2009) classifica os boatos que transitam no panorama de interação social em três categorias:

- a) Boatos alvissareiros, aqueles que cristalizam fantasias, expectativas, sonhos e desejos de um determinado grupo;
- b) Boatos alarmistas, aqueles que expressam os medos sobre a segurança, as necessidades de sobrevivência básicas, ou seja, alertam para um possível desfecho catastrófico;
- c) Boatos revanchistas, aqueles que são alimentados e produzidos pelo ódio e que servem para provocar a divisão entre as pessoas ao menosprezar outro grupo.

Dentre estas categorias, foi utilizada a classificação “boato alarmista” para a presente pesquisa, justamente desta análise de Nicholas DiFonzo, por considerar a mais apropriada e específica ao objeto de estudo deste trabalho.

Em suas pesquisas, Difonzo também define a dimensão dos boatos através de três conceitos construídos a partir de suas próprias observações. No primeiro, apresenta como

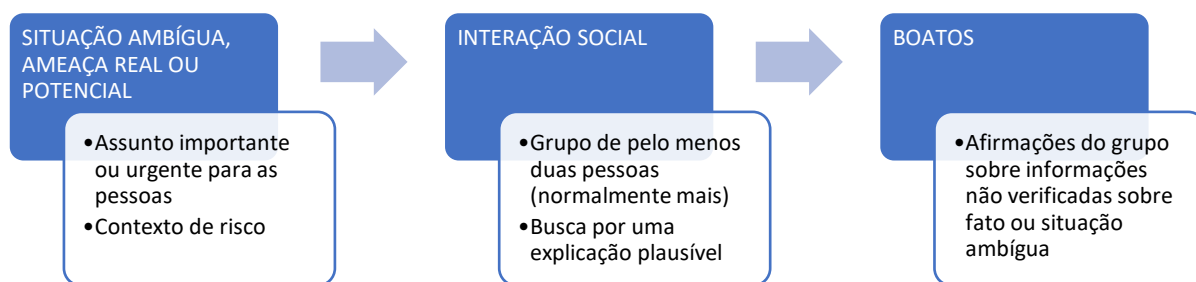
afirmações sobre informações não verificadas que circulam em relação a assuntos que as pessoas consideram importantes; surgem em situações de ambiguidade, ameaça real ou potencial; e são usados por pessoas que tentam compreender ou gerenciar o risco (DIFONZO, 2009, p.42-43).

No segundo conceito, estabelece como “afirmações que circulam entre as pessoas; nunca são simplesmente o pensamento particular de um indivíduo. O boato é um fenômeno de grupo, alguma coisa que acontece entre pelo menos duas pessoas (normalmente mais)” (DIFONZO, 2009, p.43).

Finalmente, o terceiro conceitua como “afirmações em circulação que as pessoas geralmente consideram importantes ou de interesse para os falantes e ouvintes. Tendem a tratar de assuntos que consideramos relativamente mais urgentes, vitais, consequentes ou imperativos” (DIFONZO, 2009, p.43-44).

A figura 4, a seguir, demonstra o processo de construção de boatos conforme análise de DiFonzo:

Figura 4 – Análise de Nicholas DiFonzo



Fonte: Adaptado pelo autor, 2018

O mais recente trabalho de pesquisa sobre o tema é de autoria do professor de Direito Cass R. Sunstein. No seu livro *“A verdade sobre os boatos”* (2010), ele investiga as razões que levam pessoas sensatas, grupos e até mesmo nações a acreditar no “ouvir dizer”. Discute também a questão das formas de proteção contra os efeitos negativos desse fenômeno. Segundo o próprio autor (2010, p. 114), “alguns boatos não são falsos, mas violam a privacidade individual”.

Diferentemente de outros autores, Sunstein (2010, p.7) reconhece a dificuldade em dar uma definição aos boatos, preferindo

usar o termo para fazer referência, grosso modo, a alegações de fatos – sobre pessoas, grupos, acontecimentos e instituições – que ainda não foram comprovados, embora passem de uma pessoa para outra e, portanto, tenham credibilidade não porque se conheçam evidências diretas para corroborá-los, mas porque parece que outras pessoas acreditam neles.

Um dos resultados inovadores na pesquisa do autor consiste na forma de transmissão dos boatos. De acordo com Sunstein (2010), o fenômeno se propaga por meio de dois processos diferentes, mas que podem se inter-relacionar:

- Cascatas sociais, quando o boato envolve um assunto sobre o qual as pessoas não dispõem de informações próprias, ficam certamente propensas a acreditar nele. O ser humano possui uma tendência natural a confiar no que as outras pessoas pensam e fazem. Se a maioria acredita em um boato, a tendência é que outras pessoas passem a acreditar nele também;
- Polarização de grupo, quando pessoas de ideias afins se juntam, muitas vezes acabam pensando em uma versão mais radical do que pensavam antes de conversar umas com as outras. É um processo que envolve afinidade de opiniões e argumentações persuasivas.

Sunstein (2010, p.12) ainda ressalta que “as pessoas não processam as informações com neutralidade”. Neste sentido, “acreditar ou não em um boato depende, em parte, de como aquele boato se encaixa no que você já sabe. Se um boato não puder encaixar-se em seu estoque existente de conhecimentos, parecerá ridículo e não terá força” (2010, p.26).

Conforme apresentado, o boato é um fenômeno social, que surge da interação interpessoal ante uma situação importante, desconhecida e ambígua. É uma tentativa de se compreender ou interpretar uma realidade que está escondida aos olhos do grande grupo social. O sociólogo francês Jean-Bruno Renard (2007) afirma que não existe meio social sem boato e que cada grupo social possui seu próprio repertório. Segundo ele, a adesão a eles não se dá por falta de instrução ou irracionalidade, mas ao fato de que estas narrativas confortam as opiniões e as atitudes.

Sendo assim, o boato se propaga em função da importância que os fatos representam para a vida das pessoas, quando as informações recebidas são incompletas, confusas ou quando envolve a incapacidade dos indivíduos de entendê-las ou aceitá-las. Conforme DiFonzo (2009, p.51-52), “a natureza humana detesta a falta de explicação. As pessoas nos grupos usam os boatos para construir, avaliar e refinar as explicações para as situações ambíguas”.

Ambiguidade gera incerteza. Há situações repletas de incertezas pela ausência ou escassez de informações disponíveis. À propósito, DiFonzo (2009, p.86) define incerteza como “o estado psicológico de dúvida, de estar mergulhado em perguntas sobre o que os eventos significam ou o que acontecerá no futuro”. A incerteza e a ausência de informação no interior de um grupo perante um acontecimento ou assunto importante, é terreno propício para o surgimento de boatos.

Entretanto, ambiguidade e incerteza não são os únicos elementos que produzem boatos. Alguns podem surgir de um simples mal-entendido, de uma interpretação equivocada de uma informação. Alguém chega a uma conclusão errada do que vê, lê ou escuta, confunde uma frase ou um gesto e faz nascer uma inverdade que, levada às últimas consequências, pode alterar ou perturbar a normalidade social ou prejudicar a reputação de pessoas inocentes e de empresas sérias. A dinâmica do boato ocorre “porque as pessoas pensam que uma informação é verdadeira e acham importante passar adiante” (KAPFERER, 1993, p.15). A figura 5, a seguir, exemplifica esta situação:

Figura 5 – Má interpretação de uma informação



Fonte: http://ebook1o.empresaagil.com.br/?page_id=224

O boato funciona como uma espécie de “telefone sem fio” (ALLPORT; POSTMAN, 1948), no qual uma mensagem inicial, passada de boca em boca, vai sofrendo alterações, distorções e/ou acréscimos no contexto do fluxo informacional, pois os sujeitos sociais vão agregando seus sentimentos e interpretações na construção e no uso de uma informação que é repassada para terceiros que, conseqüentemente, reinterpretam e repassam para outrem. Neste sentido, o boato pode ser visto como uma informação distorcida ou modificada.

Na perspectiva caracterizada pela falta de informação, entra em campo o conhecimento, as crenças e o imaginário do grupo na tentativa de produzir uma explicação lógica ou uma resposta plausível para o obscuro fato em questão. Neste cenário, pode entrar em cena elementos memoriais e culturais do grupo social, na tentativa de oferecer ou influenciar numa explicação ou resposta para o determinado fato. Esta informação produzida, sem confirmação oficial, é transmitida de pessoa a pessoa de forma veloz através de canais informais como a oralidade, tornando-se assim um boato, verídico ou falso.

Deste modo, alguns boatos podem ter origem em mitos e lendas existentes na cultura e na memória social de um grupo. De acordo com as observações de Renard (2007, p.103-104),

- 1- O boato ou a lenda revela uma informação ou uma situação surpreendente. Frequentemente, trata-se de uma advertência que diz respeito a um perigo;
- 2- O boato ou a lenda evoca, indiretamente, um problema social, real e atual. Os boatos que os meios irão circular são aqueles que evocam, simultaneamente, vários problemas sociais;
- 3- O boato espalha uma mensagem moral, permitindo distinguir entre os bons e os maus. Coloca em cena uma justiça imanente;
- 4- O boato ou

a lenda resgata temas folclóricos antigos. É a forma moderna das narrativas lendárias de antigamente. Como os contos e lendas do passado, quanto maior forem a simplicidade e a força da carga simbólica dessas narrativas, maior será o sucesso obtido.

Desta maneira, na ausência de informações oficiais perante uma situação importante e, ao mesmo tempo, ambígua e obscura, as pessoas irão de qualquer modo tentar encontrar uma resposta, preencher aquela lacuna informacional, buscando até mesmo elementos da sua cultura, da sua memória e do seu imaginário para satisfazer a falta de explicação.

Compreendidos assim, os boatos geralmente tem origem e conseguem adesão porque reforçam e se encaixam nas convicções prévias dos que acreditam neles. Algumas pessoas e alguns grupos estão predispostos a acreditar em certos boatos porque são compatíveis com seus interesses próprios, ou com o que acreditam ser verdade (SUNSTEIN, 2010, p.7).

Os momentos de conflito e tensão social apresentam condições propícias para a disseminação de boatos, constatando-se esse fato através dos estudos realizados pela maioria dos autores, com base em fatos passados após catástrofes naturais ou durante guerras. Em relação a essas últimas,

a natural reserva das autoridades em revelar planos táticos e estratégicos, a dúvida generalizada de que os números e fatos apresentados pela imprensa correspondam à realidade, o natural estado de excitação de toda a população, a maior integração da população em vista de perigo iminente, a infiltração inimiga e muitos outros fatores, fazem das situações de guerra ocasiões propícias para a origem e o desenvolvimento de boatos (HOYLER, 1966, p.61).

Em se tratando de fatos ocorridos após tragédias naturais, Sunstein (2010, p.79) ressalta que

há outro ponto que tem a ver com a relação entre as condições sociais e a difusão das informações. Quando as condições são ruins, os boatos, tanto os falsos quanto os verdadeiros, tendem a se espalhar como fogo em palha. Já se observou que os boatos prosperam em situações caracterizadas pela inquietação social.

Além disso, essa “boataria” ocorre através de redes informais de comunicação e, por conta disto, pode entrar em conflito com fontes formais de comunicação pública, como a Imprensa ou órgãos governamentais. Na realidade, uma informação não-oficial, que corre em paralelo ao discurso das autoridades, consiste numa outra versão

para os fatos, já que o cenário em questão não se mostra transparente. Segundo Kapferer (1993, p.9),

os boatos não incomodam só porque são “falsos”: se fosse assim ninguém se importaria. Acredita-se neles justamente porque tem um fundo de verdade; fato comprovado pelos “vazamentos de informação” e segredos políticos divulgados. Os boatos incomodam porque são um tipo de informação que o poder não pode controlar.

Outro traço característico observado na imensa maioria dos boatos é o seu aspecto negativo. Renard (2007, p.98) afirma que

nove entre dez boatos são negativos, ‘negros’, ou seja, relatam um acontecimento considerado infeliz ou detestável ou alertam para um perigo. De cada dez boatos, apenas um é positivo, ‘rosa’, ou seja, dá uma boa notícia, enuncia um fato considerado feliz.

Percebe-se que esta peculiaridade se deve ao fato de que as notícias ruins são consideradas mais importantes do que as boas, dão mais audiência e são mais atraentes na visão da maioria das pessoas, principalmente em se tratando de alertas, pois podem auxiliar na tomada de medidas e precauções.

2.2 RUMORES E FOFOCAS

Na realidade, não é possível avaliar a veracidade e a confiabilidade de uma informação se não se sabe quem propagou a mensagem e de onde ela veio. De acordo com Muller (2016, p.434), “a falta de uma origem confiável é uma marca dos boatos”. Todavia, mesmo apresentando esse aspecto indeterminado, um boato pode começar com um rumor, uma fofoca ou um fuxico. Pode até mesmo ser iniciado de uma mera especulação sobre algum assunto ou acontecimento.

É compreensível que haja alguma confusão sobre a diferença entre boato, rumor, fofoca e fuxico. É conveniente dar uma explicação a respeito dos conceitos e do campo de atuação destas outras modalidades do “ouvir-dizer”, pois no decorrer desta pesquisa será utilizado alguns termos apropriados que irão designar o processo de construção dos boatos. Em primeiro lugar,

a fofoca é um falatório social, normalmente depreciativo, sobre assuntos particulares ou quem não está presente. Trata-se de algum dado apetitoso sobre alguém. A fofoca surge em situações em que as pessoas estão desenvolvendo, mudando ou preservando relacionamentos ou seu status pessoal em um grupo (DIFONZO, 2009, p.64-65).

A principal diferença entre fofoca e boato está no conteúdo da mensagem, nas motivações que estão por trás dela e na dimensão que ganha ao ser difundida. A fofoca, por sua vez, envolve um grupo restrito de interessados; o boato conquista um círculo bem mais amplo de ouvintes, ansiosos por explicações. Além disso, “ao contrário dos boatos, a fofoca não se difunde sob uma atmosfera de ansiedade, desconfiança ou informação incompleta. A fofoca está no cotidiano, limita-se à informação sobre os outros e ocorre com frequência nos momentos de convivência e troca de conhecimento social” (FOSTER *apud* VOMERO, 2002). Sem dúvida, pode se afirmar que

sempre que o comportamento de alguém chama a atenção por ser diferente daquele que se espera, a pessoa se faz objeto de fofoca. Quando comento o que vi ou o que me disseram, estou antes de mais nada difundindo a notícia de que alguém teve coragem – ou foi bastante desavergonhado – para fazer aquilo que é proibido ou que não se deve (GAIARSA, 1978, p.161).

Em relação ao fuxico, pode ser entendido como sinônimo de fofoca ou de mexerico. Trata-se também de um tipo de difamação disfarçada de comentário inocente.

O boato pode ser precedido por rumores, que são pequenas informações desconexas e isoladas sobre uma situação, que surgem aqui e ali. Às vezes não tem força para seguir adiante, porém podem evoluir para sequências de causa e efeito.

O rumor nem sempre é confirmado, mas a fofoca pode ser. Rumores referem-se a preocupações maiores, enquanto as fofocas giram em torno de temas mezinhas. Rumores giram em torno do entendimento coletivo ou ameaças maiores, ao passo que as fofocas orbitam ao redor da construção, mudança ou preservação das redes sociais. O rumor é uma gota na sede por informações e a fofoca é um apetitoso petisco durante um coquetel. No entanto, há momentos em que é difícil discernir uma coisa da outra, pois ambos os fenômenos assumem formas nebulosas. (DIFONZO, 2009, p.73-74)

Em outras ocasiões, essa prévia do boato acontece da seguinte maneira:

da informação original, o rumor elimina detalhes que são essenciais para compreender a realidade objetiva do fato ao qual se refere. Dessa maneira, altera-se a história, tornando-a mais aguda, mais interessante e mais incisiva. Tudo isso à base de pequenas manipulações da informação, que lhe dão força (RAMON-CORTÉS, 2008, p.61-62).

O rumor pode até ser comparado a um vírus altamente contagioso. Segundo Ramon-Cortés (2008, p.62), “quando começa a circular, o rumor vai mudando. É o

mesmo que acontece com alguns vírus, que sofrem mutações. E, também como no caso dos vírus, normalmente a mutação implica aumento de virulência, de poder destrutivo”.

Sendo assim, o interesse desta pesquisa está pautado no boato e no rumor, uma vez que este último pode ser considerado o processo preliminar do fenômeno. Em alguns casos, porém, estes dois termos são sinônimos e se confundem, lembrando que a versão na língua inglesa para boato é “rumor”.

2.3 BOATO: INFORMAÇÃO OU COMUNICAÇÃO?

A partir do momento que essa pesquisa foi iniciada, a primeira questão que surgiu foi justamente essa. O que seria o boato? Um fenômeno informacional ou um fenômeno comunicacional? Em outras palavras, seria um tipo de informação ou um tipo de comunicação?

Analisando os estudos de referência sobre o tema, chega-se à conclusão que, muito mais que uma informação ou um meio de comunicação, o boato é, antes de tudo, um fenômeno social.

Tradicionalmente, entende-se que a Comunicação se preocupa com a transmissão enquanto que a Ciência da Informação da própria informação. Na realidade,

enquanto a CI estuda a informação como processo e construção, indica o canal mais adequado para melhor ofertar a informação ao usuário e tem como natureza principal o conteúdo, a Comunicação interpreta a informação como um processo de troca de mensagens entre o emissor e o receptor, que deve ser rapidamente transmitida e que ainda não possua conhecimento público (BAZI, 2007, p.3)

Entretanto, há uma certa dificuldade de compreensão nessas delimitações, pois muitas vezes a transmissão se confunde com a informação e vice-versa. Trata-se, portanto, de um processo que deveria ser estudado como um todo. Aliás, percebe-se que,

com a expansão da tecnologia da informação, a palavra informação passou a ser utilizada para referenciar comunicações, banco de dados, livros e similares, causando, de certo modo, tensão, uma vez que os símbolos e os objetos simbólicos são facilmente confundidos com o que os símbolos denotam (BAZI, 2007, p.5).

Conforme entendimento de Queiroz e Moura (2015, p.36),

percebe-se a indissociabilidade entre informação e comunicação, já que esta última é o meio da primeira; como se o objeto da Ciência da Informação fosse a informação e o seu meio para existir fosse a comunicação. E é papel da comunicação suscitar desejo nos indivíduos de adquirir informação e, em consequência, conhecimento [...]

A relação entre informação e comunicação é bastante estreita, fator que aproxima a CI da Comunicação. Porém, essa aproximação não pode gerar confusões entre as duas áreas do conhecimento. Embora seja importante que cada área tenha a sua própria identidade, pesquisadores que trabalham tanto em CI como em Comunicação entendem que focalizar apenas a informação ou a comunicação enfraquece a pesquisa de ambos os campos. As duas áreas compartilham o interesse pela comunicação humana e há uma compreensão de que “a informação como fenômeno e a comunicação como processo devem ser analisadas em conjunto” (SARACEVIC, 1996, p.54).

Por conseguinte, sendo um campo do conhecimento humano, a Ciência da Informação

ocupa-se tanto do fluxo da comunicação como de seus atores e dos registros que transportam a informação e o conhecimento. Não estuda a natureza propriamente física ou social da comunicação, nem investiga os estatutos político e antropológico que a fundam, mas identifica sua mecânica processual e as instituições que dela participam, seus produtos, seus especialistas, as ferramentas e as técnicas de que se utiliza, procurando compreendê-los enquanto componentes do vasto organismo sistêmico que garante ao homem a satisfação de seu anseio e de sua necessidade de produzir, transformar, utilizar, comunicar, enfim, perpetuar o conhecimento. (ODDONE, 1998, p.83)

Conforme demonstra Kapferer (1993, p.14), “para o público, a linha de divisão entre a informação e o boato não é objetiva. Ele chama informação o que é verdadeiro e boato o que ele supõe ser falso ou em todo caso, não verificado”. Seguindo este raciocínio, o boato surge porque as pessoas pensam que uma informação é verdadeira e acham importante passa-la adiante, ou seja, comunica-la. Esse ato de comunicar, realizado na maioria das vezes de modo informal, é visto também como boato.

Sob estes aspectos, o termo boato é um fenômeno social que, ao mesmo tempo, pode ser usado para designar uma informação, verdadeira ou falsa e sem

verificação oficial, ou uma forma de comunicação informal, geralmente através da oralidade. Devido a esta dualidade semântica, pode se considerar o boato um fenômeno info-comunicacional, pois concilia, ao mesmo tempo, características informacionais e comunicacionais.

2.4 BOATO E DISCURSO

No senso comum, o conceito de informação está sempre ligado a um significado, sendo usado como sinônimo de mensagem, notícias, fatos e ideias que são adquiridos e passados adiante como conhecimento. Sob esta perspectiva, este conceito não pode ser desenvolvido na ausência de dois outros, o de comunicação, já observado acima, e de linguagem. Sendo assim, a linguagem se apresenta como o meio pelo qual podemos expressar nosso pensamento através de sinais, visuais ou fonéticos, efetivando a comunicação. Além disso,

como a Ciência da Informação é um conhecimento que opera com a linguagem, necessário se faz compreender esse fenômeno em sua dinâmica, nos diversos níveis complexos advindos da multiplicidade de perspectivas postas na compreensão do fenômeno informacional (NEVES, 2006, p.40).

Por isso, na análise dos boatos, é necessário se levar também em consideração alguns aspectos discursivos para se ter uma visão mais completa da sua natureza e funcionamento. Segundo definição de Orlandi (2008, p.134), o boato é uma “notícia anônima que se expande publicamente sem confirmação”. Logo, a circulação desse tipo de notícia ou informação se dá por conta da necessidade discursiva de dar sentido a certos fatos e preestabelecer uma realidade.

Sendo assim, o boato materializa uma realidade que pode ser comentada e discutida. Uma informação ambígua, sem confirmação, ao circular, transforma-se em verdade porque para o sujeito ela faz sentido. Orlandi (2008, p.142) também afirma que “os boatos são gestos de interpretação como todos os outros que fazemos para que o mundo faça sentido”. Ora, a interpretação é o instrumento fundamental na análise de discurso como também na análise de um boato. As interpretações representam tentativas de versões tendo como objetivo chegar a uma verdade ou a uma conclusão.

Desta forma, o boato pode ser considerado um fenômeno público de linguagem, pois está ligado à opinião pública. O seu motor é a necessidade, a busca

pela informação. Conforme entendimento de Orlandi (2008, p.146), através do boato “uma multiplicidade de discursos emerge. O boato é ocasião de arregimentação de discursos sociais disponíveis”.

Segundo Siebert (2016, p.357), “a constituição do discurso se dá na relação antagônica entre fatores históricos, sociais e subjetivos”. Neste sentido, mobilizando “discursos sociais disponíveis”, entende-se que, no processo de construção do boato, contextos históricos específicos juntamente com relações de poder podem exercer uma forte influência na tentativa de formar um discurso possível e legítimo, mesmo não sendo verdadeiro.

A existência do boato é o índice de que o espaço territorial tornou-se um espaço político em que silêncio e linguagem se batem por um espaço de significação. [...] A constituição da sociedade, de um espaço público em que circulam sentidos – tendo na base ideias recebidas, lugares comuns – produz inevitavelmente o espaço do boato. O boato é assim um fato da vida social pública, traço do funcionamento coletivo da palavra (ORLANDI, 2008, p.132).

Em outras palavras, um boato começa a se legitimar e ganhar sentido por conta das informações que o precedem, ou seja, conforme os discursos mobilizados para a sua criação.

Nesta seção, foi analisado e revisado, de uma forma geral, o conhecimento já produzido sobre o fenômeno boato em outros campos científicos. Verificou-se o processo de origem, de propagação, sua diferença com os rumores e as fofocas e a sua característica de discurso. Finalmente, essa trajetória analítica possibilitou configurar o boato como fenômeno info-comunicacional e, ao mesmo tempo, preparou o terreno para este objeto ser analisado na Ciência da Informação. Na seção, a seguir, será visto como se produz e se propaga os boatos alarmistas numa determinada sociedade na perspectiva da CI.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PARADIGMAS, MEMÓRIA, CULTURA E REGIME DE INFORMAÇÃO

Sendo um recente campo do conhecimento científico e possuindo uma natureza interdisciplinar, a Ciência da Informação tem como foco solucionar os problemas, questionamentos e fenômenos relacionados à produção, à transmissão e ao uso da informação. Além disso, “contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, trazendo desenvolvimento para pessoas e nações” (FREIRE; FREIRE, 2015, p.19).

A CI vem se transformando no decorrer do tempo em busca do estabelecimento de suas bases teóricas. Há várias discussões sobre a abrangência do campo, as perspectivas paradigmáticas, a relação com outras disciplinas (interdisciplinaridade) e a definição do objeto de estudo. Atualmente, destaca-se um movimento de ampliação das fronteiras da CI, que propõe uma nova forma de observar os fenômenos informacionais, constituídos de dimensões históricas, econômicas, políticas e socioculturais.

Todavia, uma abordagem sobre os fundamentos da Ciência da Informação, levando em consideração sua historiografia, epistemologia e bases teóricas, não é uma tarefa simples, devido ao seu objeto de pesquisa – a informação – ser um fenômeno que não se enquadra facilmente a conceitos e teorias gerais, relacionando-se a todas as áreas do conhecimento e se adequando aos interesses de cada uma delas.

Além da dificuldade resultante desta dinâmica informacional, construída a partir da visão de diversas disciplinas com as quais a CI mantém relacionamento, ainda há sua complexa relação com o contexto histórico da sociedade ocidental, gerando uma variedade de abordagens científicas.

Tendo em vista que essas atuais configurações do campo da Ciência da Informação perpassam pelo conhecimento e evolução dos seus momentos paradigmáticos, pela sua natureza interdisciplinar e pelo seu objeto de estudo, desenvolve-se assim um terreno bastante propício para uma análise de um fenômeno informacional como os boatos.

Portanto, esta seção representa o **polo teórico** da pesquisa, pois “diz respeito aos quadros de referência que inspiram, enquadram e orientam o percurso de investigação, permitindo a formulação de regras de interpretação dos factos e a

definição de soluções provisórias para os problemas” (BRUYNE *et al.*, 1977 *apud* TERRA, 2014, p.50). Em outras palavras, este polo permitirá a elaboração de premissas e a construção de conceitos para o problema de pesquisa.

3.1 PARADIGMAS DA CI

O surgimento e o desenvolvimento da Ciência da Informação foi estabelecido através de uma série de estudos independentes que, partindo de objetivos e pontos de vista específicos, vem consolidando este campo científico. Desta maneira, as várias tendências que influenciaram este desenvolvimento geraram uma delimitação de paradigmas epistemológicos distintos, embora inter-relacionados e complementares.

Para um melhor entendimento desse processo de desenvolvimento, é necessário rever a noção de paradigma: “[...] as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2007, p.13). Contudo, para Almeida *et al.* (2007, p.77-78), a ideia de paradigmas na CI

não seriam a mesma coisa designada por Kuhn, o melhor é compreendê-los como orientações gerais ou dominantes que durante um certo tempo marcaram as pesquisas, a prática e o discurso da Ciência da Informação, cujas raízes ainda influenciam os estudos realizados recentemente.

De acordo com Rafael Capurro (2003), o desenvolvimento do campo da Ciência da Informação bem como do conceito de informação foi explorado através de uma sucessão de três momentos paradigmáticos, que servem de fundamento para diferentes análises do fenômeno informacional. Tais paradigmas seriam o físico, o cognitivo e o social. Cada um deles abrange o conceito de CI, o objeto de estudo e a abordagem epistemológica, auxiliando também na percepção da situação atual das pesquisas do campo desta ciência.

De uma forma sucinta, o paradigma físico baseia-se na existência de um objeto físico (informação) que é transferido de um emissor para um receptor, por meio de um canal. No paradigma cognitivo, o usuário é um sujeito conhecedor que usa seus modelos mentais no processo de recepção da informação, que pode ser modificada no processo para emergir em outro estágio de conhecimento. Por sua vez, o paradigma social mostra que os campos cognitivos sensitivos, de recepção e de

interpretação, estão diretamente relacionados aos contatos com as comunidades e os grupos sociais que formam a sociedade (CAPURRO, 2003).

Vale salientar que esses paradigmas não estabelecem uma ideia de ruptura teórico-epistemológica total, mas de complementação. Os paradigmas de Capurro tentam suprir as deficiências do modelo anterior, no qual o físico está voltado a tecnologia, o cognitivo ao usuário no contexto tecnológico e o social aborda o contexto social da informação.

Em contrapartida, enquanto Capurro defende a presença de três paradigmas no âmbito da CI, Silva e Ribeiro (2002) percebem a existência de apenas duas vertentes paradigmáticas: a custodial e a pós-custodial.

A primeira delas, o paradigma custodial, historicista, patrimonialista e tecnicista apresenta como principais características: a sobrevalorização da custódia/guarda, conservação e restauro do suporte como função de arquivistas e bibliotecários; a identificação do serviço de guarda na preservação da cultura ‘erudita’ e ‘intelectualizada’; a ênfase da memória como fonte legitimadora do Estado-Nação (SILVA; RIBEIRO, 2002).

Já o paradigma pós-custodial, informacional e científico apresenta como principais aspectos: a valorização da informação (fenômeno/processo humano e social), residindo nela e não no suporte (material externo ao sujeito) a sua própria historicidade (orgânico-contextual) e a sua riqueza patrimonial/cultural; a afirmação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao “imobilismo” documental; a necessidade de conhecer (indagar, compreender e explicitar) a informação social através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes (SILVA; RIBEIRO, 2002).

Fazendo uma comparação das principais características dos dois paradigmas, na vertente pós-custodial, percebe-se claramente uma mudança do enfoque da área, no que concerne às necessidades sociais, culturais e informacionais da sociedade atual, também chamada de sociedade da informação, que, evidentemente, são diferentes da vertente custodialista, principalmente no que se refere ao acesso e uso da informação.

O paradigma pós-custodial é marcado pela conscientização do dinamismo informacional, pela prioridade ao acesso à informação, a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos e pelo respeito à diversidade cultural e linguística na criação de conteúdos.

Miranda (2012, p.97) ressalta que “a CI do paradigma pós-custodial não só armazena, preserva e organiza, mas, principalmente, se preocupa com a episteme, teoria e métodos próprios; com os produtos e serviços de informação, origem e comportamento, melhoria e uso”. Além disso, este paradigma “concretiza a importância da relação social e dos contextos, nos quais atuam a vertente inter e transdisciplinar. Com o objeto informação há uma ênfase na interação social e no contexto” (MIRANDA, 2012, p.106).

Sendo assim, dentro desta perspectiva paradigmática pós-custodialista, como configurar o boato como um objeto de estudo da Ciência da Informação, uma vez que este é uma informação de interesse público, não registrada em nenhum suporte, sem confirmação oficial, disseminada através de canais informais de comunicação, geralmente por meio da oralidade e de origem desconhecida? Conforme observação de Araújo (2014, p.14-15),

diferentes autores da Ciência da Informação foram, ao longo dos anos, desenvolvendo a ideia de que o definiria o objeto de estudo da Ciência da Informação não seria um “novo” objeto empírico, pois os objetos de estudo das diferentes ciências não precisam corresponder aos objetos do mundo. Assim, o que definiria um objeto de estudo é, antes, uma forma específica de olhar, de enxergar os fenômenos da realidade.

O predomínio de uma visão pós-custodial e as consequentes transformações ocorridas ao longo dos séculos em relação à informação e a todo contexto que a envolve, geraram significativas mudanças no modo de percebê-la na sociedade, especialmente, no campo da CI.

A perspectiva paradigmática social proposta por Capurro (2003) também lança uma nova visão sobre os estudos da informação, pois aproxima a CI com a informação que circula na prática social e cotidiana. Por esse viés paradigmático, a informação é entendida e analisada como fenômeno social coletivo, estruturas de conhecimento e instituições de memória das comunidades. Portanto, é necessário que a CI dialogue também com a informação apropriada por grupos sociais diversos a fim de compreender como eles usam, produzem e comunicam seus fatos e conhecimentos no seu dia a dia.

Contudo, definir informação não é tarefa fácil, uma vez que a complexidade, a diversidade de conceitos e ocorrências da informação no cotidiano e no contexto técnico-científico tem gerado uma amplitude de significados que dificultam a construção e delimitação deste objeto de pesquisa. Assim como outros domínios

científicos, a CI também tem dificuldade em apresentar um conceito objetivo para a informação. Não existe consenso entre os pesquisadores acerca do que a informação se constitui para a área. Além disso, de acordo com o paradigma em que reside, a informação pode se apresentar de diversas formas. Segundo Araújo (1985), “informação não é na verdade um conceito único, singular, mas sim uma série de conceitos conectados por relações complexas”.

Desta forma, observa-se que o conceito de informação não pode ser desenvolvido isoladamente, o que implica na união de diversas abordagens e perspectivas teóricas. No entanto, no contexto paradigmático social e pós-custodial, Silva e Ribeiro (2002, p.37) definem informação como

conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada.

A partir desse viés,

percebemos assim, que a informação, enquanto objeto da Ciência da Informação (que estuda a ação mediadora entre a informação e o conhecimento), é percebida como potencialmente capaz de extrapolar a condição de registro em um suporte qualquer, para atuar socialmente em um determinado contexto, a partir da percepção do outro (CARVALHO, 2013, p.34).

Mas em que consistiria essa percepção? Dentre outras características atribuídas a informação, McGarry (1999, p.4-5) afirma que

a informação pode ser: [...] algo que reduz a incerteza em determinada situação. [...] Não gostamos da incerteza e tentamos reduzi-la sempre que possível. Dito de modo enxuto, a informação é o oposto da incerteza, sendo uma medida da imprevisibilidade de uma mensagem e da quantidade de incerteza que reduziu.

Sob este ângulo, se a informação consegue reduzir a incerteza em determinada situação, reforça ainda mais o conceito de que o boato é, sem dúvida, uma informação, pois é uma resposta produzida, disseminada e usada em situações específicas marcadas pela ambiguidade, justamente para a redução desse estado de incerteza.

Por outro lado, Buckland (1991) afirma que a exploração do termo informação é ambíguo, sendo utilizado de diferentes maneiras no sentido de estar informado e de redução da ignorância e da incerteza. O autor estabelece três principais usos da

palavra informação, esquema que se tornou influente entre os estudiosos do campo da CI:

- a) Informação como processo, refere-se ao ato de informar. Quando alguém é informado, o que se sabe é modificado;
- b) Informação como conhecimento, refere-se ao conhecimento comunicado a respeito de algo. Corresponde aquilo que é percebido em informação como processo;
- c) Informação como coisa, usa-se para designar objetos, bem como dados e documentos, porque são considerados informativos.

O mesmo autor estabelece também que a característica principal da “informação como conhecimento” é que esta é intangível, ou seja, não se pode tocá-la ou mensurá-la. Conhecimento, convicção e opinião são atributos individuais, subjetivos e conceituais.

Neste quadro formulado por Buckland (1991), a sistemática do boato pode ser comparada a uma informação como processo e como conhecimento. Tem como propósito repassar algum conhecimento, verdadeiro ou falso, sobre algo importante e ambíguo, na intenção de reduzir o estado de incerteza. Além disso, todo conhecimento é dinâmico e mutável, com possibilidades de se transformar em várias informações. Consequentemente, percebe-se também que “uma única informação pode gerar ‘n’ conhecimentos, ideias e descobertas, de acordo com as crenças, experiências e capacidade cognitiva” (VALENTIM; TEIXEIRA, 2012, p.153).

Por ser o campo que envolve todas as discussões referentes a informação e que serão aplicadas no estudo dos boatos, é fundamental encontrar uma definição para a CI que satisfaça aos objetivos desta pesquisa. Deste modo, de acordo com Silva (2006, p.141),

é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenômeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação). Ela é trans e interdisciplinar, o que significa estar dotada de um corpo teórico-metodológico próprio construído, dentro do paradigma emergente pós-custodial, informacional e científico [...]

Perpassando por todos esses meios, a informação, atrelada às práticas informacionais e a própria comunicação, torna-se característica e produto básico da

dinâmica da sociedade, componente indispensável à vida social. Neste sentido, não resta dúvida que a informação se tornou um elemento fundamental no desenvolvimento e progresso da humanidade, estando presente nos mais variados contextos, como o científico, o tecnológico, o educacional, o político, o artístico e o cultural.

Entende-se que a informação é a matéria prima da CI, todavia é necessário construir uma estrutura teórica de significado ao termo ou um conjunto de características próprias que possam delimitar o domínio ou objeto – informação – na Ciência da Informação.

Desta forma, no decorrer do processo de desenvolvimento da CI, percebe-se uma ampliação das fronteiras de análise do seu objeto de estudo – a informação – entendido também como um fenômeno social, através do momento paradigmático social e do paradigma pós-custodial, informacional e científico. Ou seja, modificou-se a forma de olhar para a informação, buscando enfatizar as ações dos usuários dotadas de significados para eles mesmos. Daí a compreensão da informação não como um dado ou como uma coisa com significado fixo, mas como um processo, algo que será percebido de acordo com os sujeitos, de variadas maneiras (BUCKLAND, 1991). Reforçando este pensamento, Araújo (2009, p.203) afirma que

desenha-se uma perspectiva nova de estudos da informação, que a entende não mais como coisa, mas como processo – algo construído, essencialmente histórico e cultural, que só pode ser apreendido na perspectiva dos sujeitos que a produzem, a disseminam e a utilizam. A informação deixa de ser apreendida como um objeto físico, com a mesma natureza de uma cadeira, uma pedra, um elemento químico, e passa a ser entendida como um fenômeno humano (portanto, cultural e histórico) tal como o poder, a ideologia, a felicidade, entre outros.

Diante dessas questões, passou-se a uma discussão a respeito do enquadramento da CI dentro da dimensão de uma ciência moderna ou pós-moderna. De acordo com Wersig (1993), por tratar de problemas de nova complexidade, a CI pode ser considerada como “nova ciência ou ciência pós-moderna”. Além disso, devido ao seu objeto de estudo – a informação – estar sempre vinculado a um contexto, a CI não possui apenas uma única metodologia. O enfoque dado sobre o objeto influenciará a escolha de um método, principalmente se utilizar suas relações interdisciplinares.

Wersig (1993) enfatiza também a necessidade da CI adotar uma construção teórica diferente das ciências tradicionais para tentar resolver esses novos problemas informacionais complexos.

No caso da Ciência da Informação é notável sua configuração como ciência aplicada, no contexto da pós-modernidade, visando a resolução de problemas informacionais. Então, resolver problemas de informação é, sem dúvida, uma marca essencialista da Ciência da Informação. [...] Os problemas epistemológicos da Ciência da Informação não se encontram na sua finalidade de solucionar problemas informacionais em si, mas em como resolver esses problemas informacionais (FREIRE; SILVA, 2012, p.163-164).

Segundo Alves *et al.* (2007, p.51),

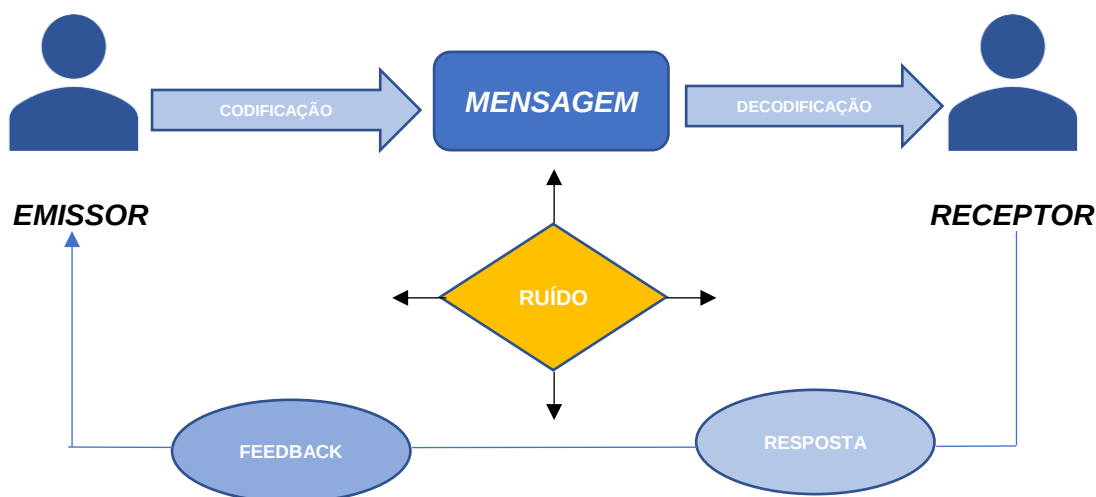
no pós-modernismo cria-se uma “desordem” contrapondo a “ordem” estabelecida anteriormente, ou seja, o pós-moderno é visto como caótico e ruim em contraposição à ordem boa e racional mascarada pelo modernismo. Portanto, tudo que advém do pós-moderno é questionado por não manter a mesma ordem, criando dúvidas que criticam a ordem imposta pelo modernismo e fazendo avançar onde o modernismo não permitiria.

Dentro desta perspectiva, a ciência pós-moderna não busca um entendimento completo do funcionamento do mundo, considerado caótico, mas em estruturar esta realidade, buscando resolver ou lidar com problemas que surgem por causa de complexidades e contradições.

Esta nova ciência, segundo Francelin (2003), surge para dizer que o ser humano também vive de incertezas e de desordem, que o mundo funciona por meio de um conglomerado caótico e que a mente humana não pode concebê-lo com exatidão em suas estruturas, podendo não ser fixas, talvez sejam mutantes, imprevisíveis e auto organizáveis.

Como a informação tomou significativas proporções no mundo contemporâneo, uma disciplina como a CI, que se propõe estudá-la em seu contexto de atividade, não pode deixar de lado o estudo do indivíduo e o contexto que o mesmo está inserido.

Para ilustrar esta questão, observa-se o esquema do processo de comunicação a seguir:

Figura 6 – Processo de comunicação

Fonte: Adaptado pelo autor, 2018

Em síntese, o processo de comunicação ocorre quando o emissor (ou codificador) emite uma mensagem (informação) ao receptor (ou decodificador), através de um canal (ou meio). O receptor interpretará a mensagem que pode ter chegado até ele com algum tipo de barreira ou distorção (ruído) e, a partir daí, dará o feedback ou resposta, completando o processo de comunicação. Sendo assim, de acordo com Pignatari (2008, p.22),

nenhum sistema de comunicação está isento de possibilidade de erros. Todas as fontes de erros são agrupadas sob a mesma denominação de ruído ou distúrbio. Se a taxa de ruído é baixa, temos possibilidade de obter boa informação; mas, se é grande a possibilidade de erros, também é elevada a taxa de distúrbio, o que reduz a possibilidade de boa informação.

No processo informacional, o ruído “pode ser caracterizado como uma ‘anomalia’ na transmissão de informações. Trata-se de um fator prejudicial na percepção da informação pelo indivíduo ao qual se deseja transmitir algo” (FRANCELIN, 2003, p.66). O ruído pode distorcer, bloquear, alterar e fragmentar uma determinada informação ao ponto dela perder seu significado original.

Sob o entendimento de Francelin (2003, p.66),

o ruído também pode ser uma informação dentro de outra informação, ou seja, a informação da informação. Sendo o ruído uma possível desordem, isto quer dizer que ele possui uma ordem (ordem a partir do ruído) e, dessa maneira, o ruído também pode ser uma informação. Isto significa que o ruído, através de determinado foco de interpretação, pode servir para ilustrar um possível problema da própria Ciência da Informação.

Em outras palavras, a falta de informação gera uma lacuna informacional, que pode ser preenchida por outra informação, assumindo assim o papel de ruído, fator que altera o fluxo informacional normal, gerando uma versão não-oficial, muitas vezes ambígua e distorcida.

Dessa maneira, muitos boatos são produzidos por conta de ruídos no fluxo informacional. Esses ruídos, vindo não se sabe de onde, começam a proliferar, a circular, podendo causar distorções ou falhas na recepção de uma informação. A figura 5 é um exemplo deste tipo de processo. Um funcionário andando pelo corredor da empresa, de repente, escutou de modo distorcido e/ou imperfeito uma frase proferida pelo patrão endereçada a um outro funcionário. De uma forma irracional e irresponsável, começou a propagar sua interpretação equivocada de uma simples conversa. Surge, assim, um boato.

Por conta desta complexidade, a informação pode ocasionar vários problemas, por sua falta, falhas e, até mesmo, pelo seu excesso, que geralmente estão relacionados ao se tentar captá-la e interpretá-la. Tudo o que se apreender não será mais relacionada a sua essência³, mas sim, a uma versão sobre ela. Desta forma, cada indivíduo pode associar diferentes significados a uma mesma informação. Valentim e Teixeira (2012, p.153) reconhecem que “a interpretação ou a reconstrução de uma informação é restrita e, por isso, de difícil controle”.

No contexto da linha pós-custodial e respaldada pelo modelo científico pós-moderno,

a Ciência da Informação (CI) constrói uma estrutura, cristalizada por relações disciplinares mais complexas, ora caracterizada pela interdisciplinaridade, ora pela transdisciplinaridade. Essas novas relações vão além das discussões a respeito dos “fazeres” e evolui para uso de conceitos que perpassam o caráter social do objeto informação e a sua utilização enquanto fenômeno informacional; a informação passa a ser analisada com teor cognitivo associado diretamente à ação de comunicação, independentemente de sua materialização (CORNELSEN; MIRANDA, 2010, p.149)

Esta reflexão sobre o desenvolvimento da CI, suas relações interdisciplinares e o seu atual momento paradigmático, é essencial para a realização de pesquisas

³ A essência corresponde a uma representação do que é comum, universal e que se encontra no âmago de alguém, de um fenômeno ou de algum objeto. Deste modo, “a informação deve ser analisada enquanto fenômeno social que possui uma essência ou uma substância que a descreve” (MIRANDA, 2012, p.165).

nessa área que, efetivamente, possam incorporar todo o avanço conquistado nesse processo.

Sendo assim, o boato é um fenômeno que surge na interação de um grupo social perante um contexto importante, caracterizado pela ambiguidade e pela escassez ou ausência de informações. Deste modo, considera-se este atual momento paradigmático pós-custodial da CI como um campo bastante adequado e propício para o estudo de um fenômeno social e info-comunicacional como o boato.

3.2 MEMÓRIA, CULTURA E REGIME DE INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO BOATO

Conforme abordado na seção 2, percebe-se que muitos boatos podem nascer do conhecimento adquirido, das crenças e do imaginário do grupo social, com a intenção de produzir significados para uma situação importante e ambígua, sem informações oficiais. Sunstein (2010) ressalta que, se um boato não tiver um grau de afinidade ou elementos que façam parte do estoque de conhecimentos do grupo, parecerá ridículo e não terá força.

Um boato de um possível atentado terrorista, por exemplo, pode ganhar força e repercussão nos Estados Unidos ou em países da Europa e da Ásia. Todavia, o mesmo boato parecerá ridículo numa cidadezinha do interior do Brasil ou até mesmo numa aldeia indígena.

Neste caso, boatos são aceitos porque fazem sentido para a experiência e a história de vida daqueles que os compartilham, ou seja, encaixam-se em seu acervo individual e coletivo de memória e cultura.

Quando se pensa e fala em memória, logo vem à mente a capacidade particular de conservar informações, levando a um conjunto de funções biológicas e psíquicas, no qual o indivíduo pode armazenar, recuperar e atualizar informações passadas. Porém, quando se analisa a memória apenas sob este ângulo, não se percebe a dimensão e a importância desta área na vida humana.

Na verdade, não é uma tarefa fácil tentar definir o que é memória. Le Goff (2013) afirma que este conceito é crucial. Entretanto, podemos apresentar algumas de suas características.

Em primeiro lugar, a memória não é apenas um acervo de lembranças ou uma capacidade de memorização, pois representa menos uma função nata e mais uma

função social criada pelo homem. Não deve ser entendida também como hábito de reproduzir imagens, mas como fenômeno inconsciente que se torna útil à necessidade do presente, assegurando a reprodução e a transformação dos comportamentos em sociedade. Consequentemente, esse atendimento às necessidades do presente, quando se é bem empregado, gera bons produtos e serviços para o futuro.

Para Braga (2000), a memória humana é concebida como um processo elaborado no movimento coletivo que emerge nas interações, e é constituído na cultura. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas), quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), podem servir de suporte para a construção da memória. Sendo assim, ela pode ancorar-se em diversos suportes: no texto, na comunicação oral, nos sons, na imagem etc. (GONDAR; DODEBEI, 2005).

Neste sentido, a memória pode ser entendida como uma fonte de informação caracterizada por um fluxo dinâmico, porém não é um armazém destinado a apenas acumular informação. Desta forma, percebe-se claramente que a memória está diretamente interligada à própria informação e ao conhecimento.

Para se estudar um caso de boato alarmista ocorrido em Pernambuco em 1975, sem dúvida, é preciso se reportar à memória, ao tempo e à cultura. A falsa notícia do rompimento da barragem de Tapacurá no dia 21 de julho daquele ano, provocou pânico coletivo na Região Metropolitana do Recife. Sendo assim,

ao refletirmos sobre a Memória na Sociedade Contemporânea, somos levados a considerá-la na interação entre múltiplas áreas, coprodutoras umas das outras, e não podemos excluí-la de um pensar socioantropológico. Neste aspecto, a memória é percebida na interseção sujeito/cultura, o que amplia sua propriedade estática de conservar informações, imputando-lhe certo dinamismo, exigência própria para a ação de reconstrução das experiências passadas, já que é esta uma forma encontrada pela sociedade para pensar a si própria, quer seja por meio da sua relação com o passado (BARRETO, 2007, p.162).

Para Le Goff (2013, p.390), “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora atrasada, ora adiantada”.

Não é possível deixar de lado a importância da memória social e cultural que cada ser humano carrega. Segundo Pollak (1992), a memória social é um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes. Ela transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Além disso, ainda de acordo com o autor, a memória é seletiva, ou seja,

nem todos os fatos ficam registrados e os indivíduos só tem recordações das situações e momentos importantes que, por alguma razão, ficaram marcados subjetivamente.

Segundo Kapferer (1993, p.106), “a memória é um ponto temporal que fornece hipóteses e cenários a uma opinião pública ansiosa por explicações”. Certamente, será através dessa memória social e coletiva que se dará a aceitação ou não de um determinado boato, desde que “os interlocutores tenham uma ‘memória’ comum, participem de uma mesma cultura” (BACCEGA, 2012, p.7).

Sendo assim, a memória e a cultura de uma determinada população ou grupo social pode ser uma espécie de fertilizante para a criação e propagação de boatos. Na ausência de informações, explicações ou esclarecimentos válidos a respeito de um assunto ou acontecimento importante, os elementos memoriais e culturais de uma sociedade podem oferecer respostas para preencher o vazio informacional.

Uma grande parcela dos saberes da cultura popular é transmitida através da oralidade, uma vez que não há registros escritos dos mesmos. Esses processos ocorrem de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, de geração a geração. Segundo Laraia (2014, p.52), “a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”. Nessa forma de comunicação, a memória social exerce um importante papel, pois a preservação e a continuidade dos costumes e comportamentos dos grupos dependem das lembranças de seus membros. A transmissão dos valores culturais ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico.

Não há dúvidas de que as práticas diárias são determinantes e determinadas pela cultura que se vivencia. De acordo com McGarry (1999, p.62), a cultura é

uma forma prática de designar o modo de vida dos grupos humanos e todas as atividades que este modo de vida implica. Assim, ‘cultura’ incluiria crenças, habilidades, artes, moral, costumes e qualquer outra aptidão física ou intelectual adquirida por seres humanos como membros da sociedade.

O mesmo autor ainda menciona que se herdamos culturas e que delas utilizamos informações sobre o mundo. Além disso, a cultura de um grupo social ou de uma sociedade exerce uma grande influência na produção e no uso da informação. Marteleto (1995) ressalta que

cultura e informação são assim conceitos/fenômenos interligados pela sua própria natureza. A primeira – funcionando como uma memória, transmitida de geração em geração, na qual se encontram conservados e reproduzíveis todos os artefatos simbólicos e materiais que mantêm a complexidade e a originalidade da sociedade humana – é a depositária da informação social. [...] a cultura é o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias de ser, representar e estar em sociedade.

Segundo Beltrão (2004), sob a pressão da vida social, a população atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo. É por meio deste contexto que o boato integra o conjunto das manifestações culturais que caracterizam a vida social. Em outras palavras, o boato faz parte do cenário onde surgem e se processam as expressões culturais, pois se os integrantes do grupo social reinterpretam e atualizam as imagens e situações que formam a cultura, o boato se torna um dispositivo folkcomunicação⁴ que também faz parte das ações, situações e relações cotidianas que vão projetando e instituindo o mundo cultural.

Portanto, memória e cultura se ligam e se complementam. A memória trabalha sobre o tempo, e este é referenciado pela cultura. Sobre ela, o tempo passado é reconstruído e revivenciado, permitindo o estudo e a compreensão de conteúdos experimentados, como por exemplo o episódio do boato de Tapacurá.

Permanência e conservação são essenciais para a continuidade de uma cultura. Para permitir que seres humanos se beneficiem do conhecimento e das aptidões de outros devemos dispor de algum tipo de sistema de armazenamento para transmitir esses benefícios através dos tempos. Precisamos do equivalente social de nossas próprias memórias, efetivamente, uma memória social ou cultural (McGARRY, 1999, p.63-64).

Le Goff (2013, p.435) ressalta ainda que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Sob esta perspectiva, qualquer coisa que se faça com a informação é preciso levar em consideração a memória e o contexto cultural. Não importa onde esteja

⁴ Em termos simples, podemos conceituar a folkcomunicação como sendo “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2004, p.55).

circulando, mas todo boato contém elementos da memória e da cultura de um grupo social que está produzindo e utilizando o mesmo.

Foi também discutido na seção 2 que os boatos provem inicialmente de mídias não oficiais que circulam num determinado espaço através de redes informais caracterizadas por afinidades pessoais ou de proximidade, de forma espontânea e, geralmente, oral.

De acordo com Orlandi (2008, p.132),

a constituição da sociedade, de um espaço público em que circulam sentidos – tendo na base ideias recebidas, lugares comuns – produz inevitavelmente o espaço do boato. O boato é assim um fato da vida social pública, traço do funcionamento coletivo da palavra.

Entender esse processo de circulação do boato em um determinado espaço público, significa perceber o papel ativo de uma informação na sociedade, determinando critérios de disponibilização, de organização de seus fluxos e promoção de uso. Em termos informacionais, de acordo com González de Gomez (2003), a informação pode apenas ser compreendida no campo da CI se a ela estiver vinculada uma qualificação, que se encontra relacionada com ações de informação, atores, contextos e regime de informação.

Nos últimos anos, este conceito de regime de informação vem sendo desenvolvido por vários pesquisadores na CI, com características semelhantes, porém, destacando as particularidades e necessidades do contexto onde se configuram. À propósito, quando se fala em regime, logo vem à mente a ideia de regra, norma e modelo. Segundo Bueno (2002), a etimologia da palavra “regime” vem do latim *regimen* que significa ação de conduzir, comando, administração, modo de governar.

Para Frohmann (1995), o conceito de regime de informação se refere a qualquer sistema ou rede que permite o fluxo de informação, através de estruturas específicas, de canais e produtores a consumidores, tornando-se um elemento passível de ser utilizado como ponto de partida para a elaboração de políticas nacionais de informação.

González de Gomez (1999, p.23) amplia este conceito, entendendo como

o modo de produção informacional dominante numa formação social, que define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição.

Ainda para a mesma autora, um regime de informação

desdobra-se, logo, num conjunto de redes formais e informais nas quais as informações são geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios, canais e organizações a diferentes destinatários ou receptores de informação, sejam estes usuários específicos ou públicos amplos (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1999, p.23).

A elaboração deste conceito está relacionada a práticas informacionais realizadas na vida cotidiana por grupos de atores sociais onde os elementos que o constitui estão definidos dentro de um fluxo de produção, organização, comunicação e transferência de informações em um determinado espaço social. Mas quais seriam esses elementos de um regime de informação?

Segundo Frohmann (1995), a descrição do regime envolve elementos naturais, elementos sociais e elementos discursivos. Direcionar o foco nas relações entre os atores confere particular relevância aos elementos discursivos, normativos e culturais, “pois lidam com as práticas situadas na vida cotidiana e em diversos espaços de formação social envolvidos na criação e intercâmbio de informação” (SOUZA *et al.*, 2016, p.67).

O mesmo autor (2016, p.66) ressalta que o “regime de informação pode ser visto como uma importante ferramenta para a análise das relações entre uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica de ações, meios e efeitos de informação”.

Certamente, pode se considerar que as construções teóricas e práticas sobre um regime de informação permitem diversas possibilidades de recorte conforme o contexto informacional. Sendo assim, nos regimes de informação podem ser observados e analisados vários elementos, como por exemplo

os tecnológicos; os estoques de informação; os produtores de informação; os canais de comunicação; os sistemas de recuperação, organização, armazenamento e transferência da informação; as linguagens documentárias; e, principalmente, os seres humanos com suas necessidades informacionais (SOUZA *et al.*, 2016, p.70).

Dentre outras maneiras, uma representação de um regime de informação pode ser realizada identificando-se alguns elementos, como por exemplo, os atores sociais, os dispositivos, os artefatos e a ação de informação. Seguindo a linha de raciocínio de Souza *et al.* (2016), os atores sociais são percebidos como gestores, produtores e usuários de informação. Os dispositivos de informação são todas aquelas condições,

políticas e diretrizes que produzem uma determinada informação. Os artefatos de informação, por sua vez, consistem em objetos que caracterizam a materialidade nas transferências desde o armazenamento e o processamento até a distribuição da informação. No que se refere à ação de informação, representa o resultado das relações dos elementos envolvidos no regime de informação, ou seja, os atores sociais, os dispositivos e os artefatos.

A figura 7, a seguir, representa a relação dos elementos de um modelo de regime de informação conforme Souza *et al.* (2016):

Figura 7 – Elementos de um modelo de regime de informação



Fonte: Adaptado pelo autor, 2018

A representação de um modelo de regime de informação pode ser configurada para o estudo de um fenômeno info-comunicacional como os boatos alarmistas que ocorrem em uma sociedade. É através da memória, da cultura local e dos seus meios de comunicação que se forma a identidade de uma população. E esta identidade é que irá construir as estruturas específicas de compartilhamento e troca de informação e de conhecimento.

Em analogia ao conceito de regime de informação, Kapferer (1993, p.61) afirma que “o boato provem inicialmente de mídias não-oficiais: ele circula através de redes

de afinidades pessoais ou de proximidade. Ele nos chega frequentemente através da experiência do indivíduo, ou de uma pessoa mais conhecedora do assunto que nós”. Além disso, “quanto mais o grupo é forte, estruturado e ligado por um eficaz sistema de trocas, mais fácil é de se encontrar receptividade” (KAPFERER, 1993, p.55).

Reforçando esta linha de raciocínio, DiFonzo (2009, p.107) ressalta que:

A estrutura da rede afeta a propagação de um boato. Em um nível básico, o padrão social de relacionamentos existente estimula o fluxo aqui e o obstrui ali. O curso do fluxo de um rio é determinado pelo traçado do terreno; de modo semelhante, o caminho que um boato percorre é modelado, em parte, pela topografia social.

Nesta seção, foi analisado o fenômeno dos boatos alarmistas pela ótica da Ciência da Informação. Estabeleceu-se um diálogo na perspectiva paradigmática mais adequada para o estudo, a Pós-Custodial, verificando assim os conceitos de informação e da própria CI que atendem aos objetivos da pesquisa. Além disso, foi apresentado o problema dos ruídos no fluxo informacional, a influência da memória e da cultura na construção do boato e o modo de produção, transmissão e uso através de um modelo de regime de informação. Na seção a seguir, será apresentada a descrição da metodologia de pesquisa adotada para este trabalho.

4 CONSTRUCTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

De acordo com algumas agências de financiamento, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Ciência da Informação é classificada como uma ciência social aplicada.

A pesquisa científica na área das ciências sociais aplicadas tem por característica a complexidade das questões abordadas, sobretudo na subjetividade e no contexto de investigação, seja com indivíduos ou grupos (social ou institucional). A partir dessa característica, os procedimentos da pesquisa não podem se restringir apenas a uma sequência estável de operações fundamentadas na quantidade. É necessário flexibilidade diante de questões não mensuráveis, nas quais não cabe uma rigidez de uma abordagem puramente quantitativa.

Assim como em outros campos do conhecimento, na Ciência da Informação a seleção de uma metodologia adequada está relacionada ao tipo de investigação, ao paradigma ou abordagens de pesquisa e, principalmente, à pergunta-problema. Certamente, uma escolha metodológica consciente promoverá contribuições mais eficazes para a ciência.

4.1 MÉTODO DOS 4 PÓLOS

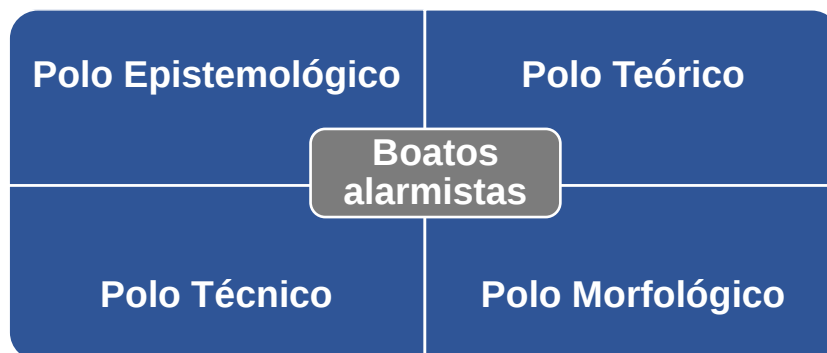
Diante da possibilidade de se observar um fenômeno info-comunicacional tão repleto de dimensões e significados como o boato, optou-se por uma metodologia que proporcionasse uma investigação dinâmica e um intercâmbio interdisciplinar. Um modelo de análise não redutor, mas que considerasse vários aspectos em constante interação no momento de compreender a pesquisa.

Através do método quadripolar, adotado para o desenvolvimento desta pesquisa, as escolhas metodológicas “não são colocadas umas após as outras, mas formam sistema, isto é, supõem voltas constantes e interpenetrações recíprocas” entre os polos (BRUYNE *et al.*, 1977, p.31).

Esse método foi sugerido para o campo da Ciência da Informação por Silva e Ribeiro (2002, p.86), por entenderem que “constitui-se como um dispositivo de investigação complexo, por exigência de um conhecimento que está longe de ser ‘unidimensional’”.

A dinâmica de investigação que este método apresenta é o resultado da interação dos polos: epistemológico, teórico, técnico e morfológico. Ver figura 6, a seguir:

Figura 8 – Método Quadripolar



Fonte: Adaptado pelo autor, 2018

No polo epistemológico, desenvolvido na seção 2, foi construído o objeto científico e delimitou-se o problema da pesquisa.

No polo teórico, desenvolvido nas seções 3 e 4, foi abordado os boatos alarmistas e a sua forma de produção e uso na perspectiva da Ciência da Informação.

No polo técnico, que será tratado de forma detalhada na próxima subseção, selecionou-se os procedimentos metodológicos para a resolução do problema de pesquisa.

E, finalmente, no polo morfológico, desenvolvido na seção 6, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos na investigação realizada.

No entanto, diante da riqueza da temática e do contexto inerente ao episódio do boato de Tapacurá, é adequado e conveniente inserir mais dois polos, o político e o ético, de acordo com a trajetória de estudos e exploração do método quadripolar realizada por Bufrem (2013).

O polo político será discutido no decorrer do polo morfológico, quando for abordado o contexto histórico, social e político do referido período que ocorreu o boato de Tapacurá, uma vez que será estabelecido “prioridades ou atribuição de valor a determinados pressupostos e ao discurso crítico sobre as condições de verdade e objetividade e sobre suas prioridades diante das contradições sociais” (BUFREM, 2013, p.8).

Em relação ao polo ético, vale salientar que não será nenhum conteúdo específico, mas, sim, ao tipo de conduta que norteia toda a pesquisa. Refere-se a própria manutenção da postura ética do pesquisador no decorrer de todo o trabalho, na probidade aos direitos autorais, na fidedignidade das fontes consultadas e na visibilidade dos resultados.

Sendo assim, cada um dos seis polos está presente em todo processo de construção desta dissertação, desde a introdução até as considerações, orientando a pesquisa na resolução do problema apresentado.

4.2 DETALHAMENTO DO POLO TÉCNICO

Esta seção corresponde assim ao **polo técnico** da pesquisa, no qual se ocupa dos procedimentos de coleta e análise dos dados para a problemática da investigação. Esses dados precisam ser pertinentes a determinadas proposições teóricas para poder assumir o papel dos fatos, servindo de confirmação ou de refutação dessas premissas. Em última análise, os fatos irão aferir a pertinência dos sistemas teóricos nos quais essas premissas se inserem (BRUYNE *et al.*, 1977).

Com base no objetivo geral, essa pesquisa enquadrou-se como exploratória, pois o fenômeno dos boatos, principalmente os alarmistas, ainda não foi estudado pela Ciência da Informação. A abordagem foi qualitativa, pois buscou-se a compreensão e o modo de interpretação do fenômeno sem a utilização de ferramentas estatísticas para o processo de análise do problema.

Como procedimentos técnicos adequados para alcançar os objetivos, optou-se pela pesquisa bibliográfica e documental.

A primeira etapa do desenvolvimento da pesquisa bibliográfica foi a delimitação espacial e temporal de um caso específico de boato alarmista na sociedade, adotando, assim, a modalidade de estudo de caso. A escolha do episódio do falso rompimento da barragem de Tapacurá se deve a familiaridade do autor com o tema e por acreditar que o referido caso oferece condições adequadas a uma investigação por parte da Ciência da Informação.

A segunda etapa consistiu no levantamento bibliográfico, tanto dos estudos já realizados sobre os boatos quanto dos estudos epistemológicos da CI. Selecionou-se livros e artigos científicos em periódicos da área de Comunicação, Psicologia, História,

Sociologia, Linguística e, principalmente, da Ciência da Informação pertinentes a proposta da pesquisa.

A terceira etapa foi a pesquisa documental, realizada no Arquivo Público de Pernambuco e no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Foi coletado dados e notícias referentes ao contexto da grande enchente de 1975 e ao próprio dia do episódio do boato de Tapacurá nos principais jornais da época, como o Diário de Pernambuco, o Diário da Manhã e o Jornal do Commercio.

Através da análise realizada do conteúdo bibliográfico e documental do material selecionado na pesquisa, foram levantados e extraídos aspectos que serviram de referência para a construção das dimensões da metodologia quadripolar, bem como para verificar as proposições formuladas, alcançar os objetivos geral e específico e, finalmente, os resultados da pesquisa.

Vale salientar que as análises bibliográficas e documentais estiveram em constante diálogo no decorrer de toda pesquisa, obviamente favorecidas pela metodologia quadripolar, através de contextualizações e inter-relacionamentos de todos os polos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa. Corresponde ao **polo morfológico**, onde “ocorre a objetivação da problemática com a organização e apresentação dos resultados” (TERRA, 2014, p.62). Neste polo, serão analisadas as informações recolhidas comparando os resultados observados com aqueles que tinham sido identificados através da formulação das premissas.

Embora a proposta central deste trabalho não seja histórica, uma das premissas diz respeito à questão das enchentes em Pernambuco, visto que ao longo da história do Estado, tais ocorrências culminaram na construção da barragem de Tapacurá e, conseqüentemente, no episódio do boato do seu rompimento. Sendo assim, acredita-se que seja necessário abordar essa questão de forma sintética, através desse conhecimento histórico, com vistas a tentar extrair alguns elementos relevantes no processo de construção do boato alarmista.

5.1 BREVE HISTÓRICO DAS ENCHENTES EM PERNAMBUCO

O espaço geográfico ocupado pela cidade do Recife tem uma histórica relação conflituosa com as águas. De acordo com Fonseca (2011, p.56-57), “a maior parte de sua zona urbana, hoje, foi edificada em cima de aterros. Ilhas foram unidas à terra firme, guardando de sua natureza apenas o nome: ilhas do Leite, do Retiro, do Nogueira, Joana Bezerra, Santa Terezinha”.

Desde o século XVII, a história registra grandes enchentes em Pernambuco, algumas maiores, outras de menores proporções, porém todas causando muitos danos e tragédias à população. A ocorrência desses fenômenos, em sua grande maioria, sempre tem sido no período de inverno no Estado, ou seja, entre os meses de junho e agosto.

O quadro 1, a seguir, demonstra a presença das principais enchentes ao longo da história de Pernambuco e seus efeitos calamitosos para a população:

Quadro 1 – Levantamento seletivo das principais enchentes ocorridas em Pernambuco ao longo da história

Ano	Consequências da enchente
1632	Ocorre a primeira enchente de que se tem notícia no Recife, causando perdas de muitas casas e vivandeiros localizados às margens do Rio Capibaribe
1638	O governador holandês Maurício de Nassau manda construir o Dique de Afogados, primeira barragem no leito do Rio Capibaribe para proteger o Recife das enchentes
1854	A maior enchente do século, atingindo todos os bairros do Recife. Derrubou a muralha que guarnecia a Rua da Aurora. Parte do cais da Casa de Detenção veio abaixo. A cidade ficou sem comunicações com o interior.
1869	Grande enchente destrói as pontes da Torre, Remédios e Barbalho, e rompe os aterros da via férrea do Recife. O imperador Pedro II determinou que o engenheiro Rafael Arcanjo Galvão viesse a Pernambuco estudar o problema
1870	O bacharel em matemática e ciências físicas José Tibúrcio Pereira de Magalhães, diretor de Obras e Fiscalização do Serviço Público do Estado, sugere ao governo imperial a construção de uma série de barragens nos principais afluentes do Rio Capibaribe para evitar cheias no Recife
1920	Grande enchente deixa o Recife isolado do resto do Estado durante três dias. Postes foram derrubados, linhas telegráficas interrompidas, trens paralisados, pontes vieram abaixo.
1924	Nova enchente deixa os bairros de Ilha do Leite, Santo Amaro, Afogados, Dois Irmãos, Apipucos, Torre, Zumbi e Cordeiro completamente submersos. O prédio do Serviço de Saúde e Assistência desabou e as obras do Quartel do Derby sofreram grandes prejuízos
1966	Enchente catastrófica provocada pelo Rio Capibaribe, com a água atingindo mais de dois metros de altura nas áreas mais baixas do Recife. Na capital e no interior, mais de 10 mil casas (a maioria mocambos) foram destruídas e outras 30 mil sofreram danos. Morreram 175 pessoas e mais de 10 mil ficaram desabrigadas.
1967	A SUDENE apresenta relatório de uma comissão de técnicos, constituída logo após a enchente de 1966, sugerindo a construção de barragens nos seus principais afluentes e no próprio Rio Capibaribe, que é a mesma sugestão apresentada quase um século antes pelo engenheiro José Tibúrcio
1970	Ocorrem duas enchentes em Pernambuco. Na capital e no interior, 500 mil pessoas foram atingidas e 150 morreram.

Fonte: Adaptado do site www.pe-az.com.br

Logo após a grande enchente de 1970, houve uma grande pressão política e social para que os governos estadual e federal adotassem medidas no sentido de proteger a região metropolitana do Recife do problema das cheias. Uma das principais providências seria a construção de barragens⁵. Em 1973, foi inaugurada a de Tapacurá, localizada a 31 quilômetros do Recife, no município vizinho de São Lourenço da Mata. A barragem está situada no Rio Tapacurá, que faz parte da bacia do Rio Capibaribe. Possui 35 metros de altura e capacidade de represamento de 94,2 milhões de metros cúbicos d'água (FONSECA, 2011).

Imagem 1 – Barragem de Tapacurá



Fonte: <http://servicos.compesa.com.br/>

Um material informativo de propaganda da Secretaria de Obras do governo do Estado da época anunciou que a barragem era a solução definitiva para dois graves problemas que afetavam o Recife: o abastecimento de água da população e “o fim” das enchentes na região metropolitana. Era uma tentativa de se acabar com o medo da população perante o histórico das águas durante o inverno.

⁵ As barragens ou represas são estruturas artificiais construídas no leito de um rio ou canal com a função de acumular as águas para diversas funções, podendo abastecer uma região, produzir energia elétrica ou prevenir enchentes. Elas controlam o fluxo dos rios em caso de fortes chuvas que provoquem o alto nível de águas fluviais. [...] De acordo com o doutor na área das Geociências João Allyson, professor de Geografia na Universidade de Pernambuco (UPE), “a função de uma barragem não é necessariamente evitar as enchentes, mas sim amenizar o efeito delas nas cidades localizadas à margem dos leitos fluviais” (ESTEVEZ, 2017).

Imagem 2 – Propaganda informativa



Fonte: www2.uol.com.br/JC/sites/tapacura/materia_05.html

Nos invernos moderados de 1973 e 1974, nada de anormal ocorreu, a cidade não sofreu nenhum transtorno relacionado às fortes chuvas e nem a transbordamento de rios. A população se sentiu segura e confiante, acreditando no discurso do governo, ou seja, que a construção da barragem de Tapacurá estava cumprindo realmente o papel de solução definitiva para o problema das cheias (FONSECA, 2011).

Todavia, no inverno de 1975, exatamente entre os dias 17 e 18 de julho, a barragem não conseguiu conter a enchente, considerada como a maior do século, que deixou 80% da cidade do Recife sob as águas dos dois rios que cortam a cidade: o Capibaribe e o Beberibe. Outros 25 municípios da bacia desses rios também foram atingidos. Morreram 107 pessoas e outras 350 mil ficaram desabrigadas.

É a maior tragédia do século no Recife

- Foi a maior catástrofe que já atingiu Pernambuco neste século, declarou, ontem, o governador Moura Cavalcanti durante uma das várias reuniões de emergência com o seu Secretariado, enquanto chegavam ao Palácio do Campo das Princesas, local do encontro, notícias de que o Recife estava completamente isolado do resto do Estado, em virtude das cheias. [...] O Recife foi atingido em mais de 80% pelas águas dos dois rios que cortam a cidade: Capibaribe e Beberibe. O sistema telefônico entrou em colapso, a maioria dos hospitais ficou isolada e o trânsito de veículos limitou-se a algumas ruas do centro da cidade e da Zona Sul. No hospital Pedro II ocorreu saque, quando flagelados invadiram o depósito de alimentos. Todas as rodovias que dão acesso ao Recife estão obstruídas, sendo difícil ultrapassar os limites da capital rumo ao Interior e outras áreas da

Região. Dezenas de veículos se acham encalhados em diversos pontos, principalmente ao longo da Avenida Caxangá. Entre eles, caminhões e até carretas. O prefeito Antônio Farias decretou estado de emergência no Recife e providenciou a abertura de crédito especial para fazer face às despesas de assistência aos flagelados (Diário de Pernambuco, Capa, 19/07/1975).

Imagem 3 – Avenida Agamenon Magalhães na enchente de 1975



Fonte: www2.uol.com.br/JC/sites/tapacura/materia_05.html

Segundo a edição de 19/07/1975 do Diário de Pernambuco, na capital e no interior, 1.000 km de ferrovias foram destruídos, pontes desabaram, casas foram arrastadas pelas águas. Só no Recife, 31 bairros, 370 ruas e praças ficaram submersos; o trânsito de veículos limitou-se a algumas ruas do centro da cidade e da zona sul; 40% dos postos de gasolina da cidade foram inundados; o sistema de energia elétrica foi cortado em 70% da área do município; quase todos os hospitais recifenses ficaram inundados; o sistema telefônico entrou em colapso. Durante dois dias, por terra, o Recife ficou isolado do resto do país.

Imagem 4 – Estádio da Ilha do Retiro em 1975



Fonte: www2.uol.com.br/JC/sites/tapacura/materia_05.html

O governador Moura Cavalcanti decretou estado de calamidade pública na capital e em nove municípios do interior. O presidente da República Ernesto Geisel, em cadeia nacional de televisão, anunciou medidas para socorrer as cidades pernambucanas atingidas (FONSECA, 2011).

89 mortos pelas cheias no Recife

O Instituto de Medicina Legal anunciou que até as 18 horas de ontem haviam sido recolhidos 89 cadáveres de pessoas vitimadas pelas enchentes, nesta capital. As autoridades informam que esse número poderá ultrapassar a casa dos 100, dentro das próximas horas (Diário de Pernambuco, Capa, 21/07/1975).

5.2 O BOATO DE TAPACURÁ

Em meio a grande tragédia da enchente, surgiram alguns rumores de um possível rompimento da barragem de Tapacurá.

Alto-falantes e rádios orientaram o povo

A população recifense tomou conhecimento da cheia através de carros com alto-falantes instalados pela Codecipe nas principais regiões ribeirinhas. Depois, a Comissão de Defesa Civil acionou as emissoras de rádio para transmitir, de 10 em 10 minutos, os boletins meteorológicos. [...] Boatos. Aidil Gusmão, chefe da Divisão de Hidrologia da Sudene, sobrevoou ontem as áreas atingidas e afirmou que a inundação poderá ser maior do que a registrada em 1970. Os boateiros estiveram muito ativos. Espalharam notícias de possível desabamento da barragem de Tapacurá, mas foram esses rumores prontamente desmentidos (Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, 18/07/1975, p.3).

Até mesmo no próprio dia do boato, a edição do Diário de Pernambuco, contendo em sua grande parte notícias do dia anterior, traz a seguinte notícia:

Notas oficiais

Sobre o problema surgido ontem com os novos alarmes de cheia, a Codecipe forneceu notas oficiais pedindo que o povo denuncie esses boateiros, avisando com urgência de onde procede tais notícias. A denúncia pode ser feita à Secretaria de Segurança Pública ou à Polícia Militar de Pernambuco.

Na manhã de ontem, moradores da Rua Bolívar, em Água Fria, começaram a subir seus móveis e a retirar os objetos de maior valor de dentro de suas casas por terem sabido dos boatos que se espalham na cidade, de que Tapacurá não reteve a água e nova catástrofe vai cobrir a cidade. [...]

Assegura o Serviço de Hidrologia da Sudene que não tem o menor fundamento tais notícias e que o povo pode ficar tranquilo (Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, 21/07/1975, p.5).

Mesmo com esses esclarecimentos veiculados em um jornal de grande circulação, na manhã do dia 21 de julho, quando as águas baixaram e a população começava a avaliar os prejuízos deixados pela enchente e retomar as atividades do cotidiano, o pânico tomou conta das ruas do Recife. Por volta das 10 horas, surgiu o boato de que a barragem de Tapacurá, havia estourado e que a cidade seria destruída pelas águas em poucas horas (FONSECA, 2011).

“Tapacurá estourou!” – era a informação repassada de “boca em boca”, provocando histeria e pânico em toda a cidade. Durante cerca de uma hora, a população ficou apavorada, correndo de um lado para outro sem saber para onde ir. Mulheres desmaiavam. Carros não respeitavam sinais e trafegavam em alta velocidade na contramão. Guardas de trânsito abandonavam seus postos. Várias pessoas foram atropeladas. Os ônibus eram invadidos fora das paradas por aflitos passageiros, ao mesmo tempo que outros, apavorados, saltavam pelas janelas. Bancos, comércios e repartições públicas fecharam as portas. Até doentes internados em hospitais abandonaram ambulatórios e enfermarias. Sem dúvida, um verdadeiro caos (FONSECA, 2011).

Engarrafamentos

Durante aquela hora que jamais se apagará da memória do recifense, correria de veículos de todos os tipos e tamanhos, pelas ruas do centro e do subúrbio, foi realizada também com os motoristas em pânico. De repente, todos procuravam as áreas mais altas e as famílias, sem obedecer às normas do trânsito e da contenção. Mão e contramão se confundiam entre os que pretendiam deixar o centro ou vir a ele. Os que estavam na cidade, corriam para as suas casas nos subúrbios; as mães de famílias que estavam nos bairros procuram chegar aos maridos na cidade. Era o caos total.

O tumulto durou cerca de uma hora, até que as autoridades emitissem comunicados desmentindo o boato (Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, 22/07/1975, p.6).

Após vivenciar a força da grande enchente de 1975 dois dias antes, a população entrou em desespero devido a possibilidade imaginária de ser aniquilada pelas águas.

Imagem 5 – A correria do boato



Fonte: www2.uol.com.br/JC/sites/tapacura/materia_05.html

Somente após insistentes boletins das emissoras de rádio e televisão – alguns da própria voz do governador do Estado – desmentindo categoricamente o boato, a vida da cidade foi aos poucos se reordenando. A Polícia Militar também divulgou nota oficial informando que prenderia quem fosse flagrado repetindo o boato. O tumulto provocou três mortes por ataque cardíaco, dezenas de pessoas ficaram feridas e com crise nervosa, atendidas em hospitais públicos e particulares (FONSECA,2011).

Moura desmente os boatos sobre Tapacurá

O Governador Moura Cavalcanti, tão logo tomou conhecimento dos alarmes falsos de um arrombamento da barragem de Tapacurá, providenciou um vôo sobre a barragem e imediatamente desmentiu a notícia. O Governador saiu às ruas do Recife tranquilizando a população, que já estava em pânico. No Diretório Central dos Estudantes, na Rua do Hospício, visitou os estudantes que conduziam faixas desmentindo o boato.

Com os estudantes, o Governador tranquilizou o povo que se encontrava nas imediações da Avenida Conde da Boa Vista. Em seguida fez distribuir nota às emissoras de rádio e TV e ele próprio gravou mensagem, que foram repetidas, no sentido de restabelecer a calma (Diário da Manhã, 22/07/1975, p.3).

5.3 CONSTRUÇÃO E PROPAGAÇÃO DO BOATO: O MODELO CONCEITUAL DO REGIME DE INFORMAÇÃO

Diante do histórico relacionado as enchentes em Pernambuco, principalmente a que ocorreu em 1975, pode se apresentar e relacionar os resultados obtidos na pesquisa em três eixos: o contexto social do boato de Tapacurá; a influência da memória e da cultura; e problemas na informação/comunicação.

5.3.1 O contexto social do boato de Tapacurá

Após uma grande calamidade pública que foi a enchente ocorrida em 1975, a população recifense ainda vivia um clima de tensão e perigo. Neste contexto, segundo Prasad (1935), o estado de excitação emocional reduz o senso crítico de um grupo social, podendo induzir o mesmo à ilusões. Havia no Recife uma conjuntura social e psicológica bastante favorável a criações imaginárias.

Ecólogo: rio reclama seu leito

[...]

Para ele (o ecólogo Vasconcelos Sobrinho), o pânico que se apoderou da população do Recife “constitui um fenômeno normal como final de toda grande catástrofe. É uma histeria coletiva a que as massas estão sujeitas em momentos extremos e por vezes torna-se mais prejudicial do que a própria catástrofe” (Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, 22/07/1975, p.3).

Além disso, a população havia perdido a confiança nas informações divulgadas pelos órgãos governamentais, de que a presença da barragem de Tapacurá resolveria os problemas das grandes inundações. Conforme atesta Kapferer (1993, p.226-227), “de fato, a proliferação dos boatos mostra frequentemente uma perda de confiança nos canais oficiais da informação e nas autoridades propriamente”.

Neste clima de desconfiança, as informações boca a boca – em grande parte rumores – começavam a ganhar força na cidade. Segundo Orlandi (2008, p.139),

o grande número de sujeitos vivendo em um mesmo espaço, pleno de “coisas a saber” de que se tem necessidade para viver em comum na cidade, para se estabelecerem relações urbanas, tendo-se necessidade de uma maior quantidade de informação, faz desenvolverem-se tecnologias de linguagem tornando possível – e impossível – a convivialidade neste espaço comum com suas particularidades de linguagem.

O contexto social do episódio de Tapacurá enquadrava-se perfeitamente na fórmula criada por Allport e Postman (1948): a probabilidade que um boato se espalhe é proporcional à importância do assunto e à ambiguidade dos fatos.

Tapacurá era a peça que preenchia o quebra-cabeça daquela calamidade. Na mente popular, a barragem falhou [...] Dos comentários, passou-se à ação. Alguns mais vulneráveis psicologicamente não suportaram a tensão. Imaginaram uma nova catástrofe: “Estão dizendo que Tapacurá estourou! Tapacurá estourou!” Bastava uma fagulha para detonar o pânico coletivo. O contágio alastrou-se na multidão aturdida. A imagem terrificante da represa desmoronando era uma projeção do estado de espírito da coletividade (FONSECA, 2011, p.121).

5.3.2 Influência da memória e da cultura

Na edição do Diário de Pernambuco do dia 18/07/1975, página 2, consta o seguinte trecho da reportagem:

Cheias

O “fantasma” das enchentes, de que o recifense tinha ficado livre, ante as promessas de que medidas governamentais não mais iriam permitir nova cheia do Capibaribe, voltou a inquietar toda a cidade, ontem, em face de inundações ocorridas desde as cabeceiras do rio, deixando ao desabrigo centenas de pessoas.

Esse “fantasma” das enchentes está se referindo a recuperação de toda memória coletiva do recifense em relação a esses fenômenos da natureza. No quadro 1 observa-se que as enchentes sempre estiveram presentes e causando prejuízos à população ao longo da história da cidade.

O período de inverno sempre provocou medo e insegurança na população do Recife e da Região Metropolitana. As pessoas sabem o que as chuvas causaram no passado e ficam receosas com o prejuízo e problemas que irá causar no presente. Fonseca (2011, p.76) ressalta que “depois das grandes enchentes de 1966 (97 mortos, sete mil desabrigados) e das duas consecutivas de 1970 (somando 150 mortos, 50 mil desabrigados), o Recife passou a conviver com o pavor de uma nova inundação”.

Há motivo para a chamada “psicose das enchentes”?

Estariam certos os observadores e articulistas, ao enfatizar que o recifense tem “psicose de cheias”? Ou o povo do Recife não teria razões para nutrir essas expectativas? A resposta aí está. Centenas de famílias desabrigadas, notadamente as que residem em precárias condições de higiene, nas margens dos rios Beberibe e Capibaribe.

Desde 1966, quando centenas de vidas foram ceifadas, prejuízos incalculáveis registrados em residências, indústrias, estabelecimentos comerciais, etc., em consequência da grande cheia, que o povo do Recife fica intranquilo, quando chega o inverno, especialmente as famílias que residem às margens dos rios. (Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, 18/07/1975, p.5)

Consequentemente, a memória coletiva do recifense em relação às enchentes promoveu a criação de uma “cultura de enchentes”, ou seja, desenvolveu-se costumes e hábitos para enfrentar essas tragédias naturais em luta pela sobrevivência, podendo até mesmo refletir nos meios de comunicações e nas trocas de informações. Para Santos (1988, p.41), a cultura

volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais. [...] procura entender o sentido que fazem essas concepções e práticas para a sociedade que as vive, buscando seu desenvolvimento na história dessa sociedade e mostrando como a cultura se relaciona às forças sociais que movem a sociedade.

5.3.3 Problemas na informação/comunicação

Conforme já abordado, a ausência ou escassez de informação oficial perante um fato importante e inusitado gera especulações e rumores. No caso do boato de Tapacurá não foi diferente. Houve diversas falhas informacionais e comunicacionais que estimularam a ocorrência do evento.

Uma das primeiras falhas está na propaganda informativa do governo, de acordo com a imagem 2, divulgando que o Recife não sofreria mais enchentes. Uma informação equivocada e incompleta repassada à população. A verdade é que Tapacurá não iria resolver completamente o problema das cheias. Seria necessário a construção de outras barragens para conter o transbordamento dos rios devido a fortes chuvas no período do inverno e, consequentemente, proteger a Região Metropolitana do Recife das periódicas enchentes.

A segunda falha: com medo da reação da população, os órgãos governamentais tentavam atenuar a gravidade da situação, titubeando nas comunicações oficiais. A situação real, ou seja, a ameaça de uma inundação de grandes proporções não foi informada de maneira clara e precisa, que não deixasse margem a qualquer dúvida.

A notícia, a seguir, demonstra claramente essas falhas ocorridas nas informações e comunicações veiculadas a respeito da proporção da grande enchente e da real função da barragem de Tapacurá no referido evento:

Pontes Velha e da Torre sob a vigilância especial da Codecipe

Nos primeiros momentos desta madrugada, os técnicos da Codecipe reavaliavam seus prognósticos feitos ontem, admitindo que a cheia do Capibaribe talvez não atinja as dimensões das ocorridas em 1966 e 1970. No entanto, não se arriscavam a uma opinião definitiva, porque não são apenas os informes sobre as chuvas e o aumento do nível do rio que permitem estimar o volume da enchente. Há muitos imponderáveis no problema, principalmente o funcionamento das vias de vazão das águas, o sistema de pontes e canais da capital.

[...]

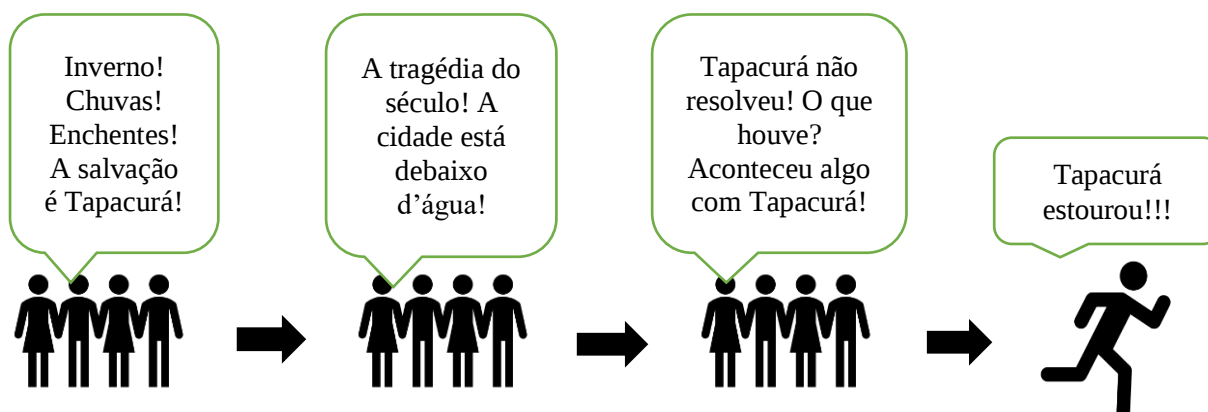
Especialistas em inundações retificam pronunciamentos de setores oficiais do governo passado, de que a barragem do Tapacurá protege o Recife contra qualquer enchente, reduzindo de 30 a 40% as dimensões de nova cheia. Isso não ocorre. A barragem só protege contra enchentes do Tapacurá. Chovendo nas várzeas do Capibaribe ou do Beberibe, pesadamente, a barragem do Tapacurá não oferece proteção ao Recife (Diário de Pernambuco, Capa, 18/07/1975).

A respeito dessa falta de clareza e objetividade nas comunicações oficiais, Fonseca (2011, p.80-81) destaca que:

A Defesa Civil optou por ir soltando a informação em conta-gotas, temendo que o “fantasma das cheias” assombrasse desmesuradamente. A população passou a ser informada de duas maneiras, a partir da manhã da quinta-feira: pelos boletins oficiais, distribuídos aos meios de comunicação (entre os quais o rádio desempenhava papel central), e por camionetas equipadas com alto-falantes, que passaram a percorrer os bairros localizados às margens do rio.

Sendo assim, influenciado pelo contexto de calamidade, pela memória e pela cultura das enchentes, a população começou a criar hipóteses, justificativas e explicações para tal tragédia, uma vez que houve escassez de informações lógicas e oficiais. Em outras palavras, as pessoas queriam preencher aquela lacuna informacional de alguma forma. Se a barragem de Tapacurá, propagada pelo governo como a solução para o problema das enchentes, não conseguiu conter a tragédia, é porque deveria ter ocorrido algum problema com a barragem.

Figura 9 – Especulações sobre Tapacurá



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

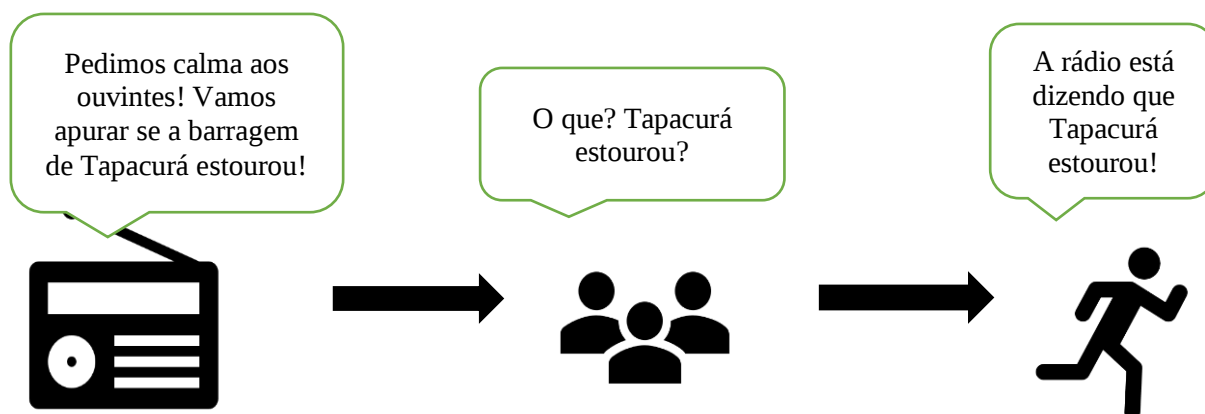
Além da especulação da população a respeito da não eficácia da barragem, um outro meio de comunicação ajudou a propagar o boato de Tapacurá: o Rádio. Segundo Fonseca (2011), durante a grande enchente, as emissoras de rádio da região desempenharam um papel de veículos de informação instantânea e prestadoras de serviço à população. Quase todas as estações interrompiam sua programação normal para transmitir boletins oficiais, fazer reportagens de rua, divulgar apelos e recados e ajudar nas campanhas de arrecadação de doativos para os flagelados.

Dentre estas emissoras, destacava-se a “Rádio Olinda”, uma das mais ativas e líderes em audiência da referida época. Todavia, essa rádio, de forma ingênua, cometeu um grande deslize, “dera em primeira mão a notícia do tumulto causado pelo boato e, com isso, realimentou o processo, ampliando suas dimensões” (FONSECA, 2011, p.167).

Evidentemente, a boa intenção de desmentir o boato acelerou sua propagação. A partir do momento que um meio de comunicação como o rádio começa a falar sobre um tumulto provocado por uma notícia ainda não verificada sobre um possível rompimento de uma barragem, os ouvintes processam a informação veiculada sem nenhum senso crítico, distorcendo o sentido da mesma.

Frequentemente, as pessoas empregam seu tempo em outras atividades: sua presença não é constante junto ao aparelho, nem sua atenção está voltada para ele. Elas captam aqui e acolá pedaços de palavras, de frases, de imagens. [...] uma parte dos ouvintes pode por acaso apenas ouvir o início do comunicado, e depreender que a estação está ratificando o boato (KAPFERER, 1993, p.219).

Figura 10 – Amplificação do boato no rádio



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Difonzo (2009, p.164) salienta que “nessas situações, o predomínio de exageros, erros e invenções deve-se, provavelmente, à dificuldade em prestar atenção, recordar e raciocinar com clareza em situações de terror, medo ou ansiedade”. Diferente de outros tipos, no boato alarmista “não há tempo de se procurar a origem da informação, de avaliar o grau de exatidão, de questionar vários oficiais e especialistas. É preciso agir, isto é, decidir no meio de incertezas” (KAPFERER, 1993, p.190).

Um outro fator que afeta a propagação de boatos é a estrutura da rede, ou seja, o padrão social de relacionamentos existente pode estimular ou obstruir o fluxo informacional. Além disso, essa rede não depende apenas da existência de canais de comunicação adequados, é preciso haver também alguma motivação para transmitir o boato. Na realidade,

sabe-se que, por ocasião das catástrofes, a necessidade imperiosa de informação – que pode ter o preço de uma vida – leva as pessoas a criarem redes informais de comunicação. Busca-se a confirmação ou o desmentido de nossos terrores. E não se pode esperar pelos canais formais (meios de comunicação, fontes oficiais). Fala-se com amigos e desconhecidos. Ouve-se o relato de parentes e forasteiros. Improvisam-se explicações para os fatos obscuros. O rumor dissemina-se velozmente. E à medida que mais e mais pessoas transmitem, mais credibilidade ele adquire. Se todos estão dizendo é porque é verdade (FONSECA, 2011, p.138).

Como fenômeno social e info-comunicacional, o boato produz um ciclo que passa desde a criação até sua transferência e uso. Desta forma, pode se observar o boato alarmista de Tapacurá através de um modelo de regime de informação, identificando os seguintes elementos, conforme Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Aplicação do regime de informação no boato de Tapacurá: modelo de análise

Regime de Informação	
Elementos	Boato de Tapacurá
Atores sociais	• A população do Recife; • Órgãos governamentais; • A imprensa.
Dispositivos de informação	• A enchente de 1975; • A memória e a cultura da população; • Ambiguidade nas comunicações oficiais.
Artefatos de informação	• O grito “Tapacurá estourou!” repassado de boca em boca pelas pessoas; • A informação veiculada pela rádio.
Ação de informação	• Correria; • Pânico generalizado.

Fonte: Adaptado pelo autor, 2018

A partir desta representação, verifica-se a relação que o circuito de origem e propagação do boato de Tapacurá possui com um regime de informação, considerando que as construções teóricas e práticas deste último permitem várias possibilidades de aplicação de acordo com o contexto informacional. A notícia, a seguir, mostra uma visão geral dos recursos informacionais e humanos utilizados, de maneira espontânea, neste regime de informação adaptado para o fenômeno dos boatos:

Todos ouviam a notícia e ninguém sabia sua origem

Em outra pesquisa de opinião pública, o povo abordado nas ruas, nas casas de lanches e no comércio afirmou ter tomado conhecimento da falsa notícia através de outras pessoas.

[...]

Repercussão

- Eu soube que Tapacurá tinha rachado e corri pra casa. Não acredito nos órgãos oficiais, porque só vieram avisar que ia haver cheia depois que a água invadiu a cidade – disse um comerciante, que se recusou a dar o nome.

[...]

O boato correu a cidade em mais de seis lugares, na mesma hora. Em Boa Viagem, soube-se de sua existência na mesma ocasião em que se sabia no Arruda, Iputinga, Benfica, centro da cidade e Cordeiro. Na Avenida Caxangá, o pânico foi geral (Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, 22/07/1975, p.6).

Portanto, traumatizada historicamente por sucessivas enchentes, a população do Recife acreditou e se tranquilizou com o discurso publicitário do poder público,

alegando que a barragem seria a solução do problema. Os meios de comunicação de massa, ao invés de questionarem essa versão, ratificaram e ampliaram a mesma. Vale salientar que neste período, o país vivia sob o regime militar e, por isso, a imprensa tinha receio de manter uma postura crítica às ações governamentais por conta de censura e retaliações.

Nos dois primeiros anos de funcionamento, Tapacurá tornou-se um símbolo de proteção para a cidade. Todavia, vítima, novamente, de uma inundação de graves proporções, a população tentou arrumar uma explicação para aquela que foi considerada a tragédia do século. Além disso, recebendo nos momentos dramáticos que precederam e se sucederam à cheia, informações ambíguas e confusas sobre o sistema de defesa da cidade, elaborou e disseminou de modo espontâneo e informal, através da cascata social e da polarização de grupo (SUNSTEIN, 2010), a alegação da falha ou de algum problema na barragem como resposta a situação, culminando com o grito: “Tapacurá estourou!”

6 CONSIDERAÇÕES

Até hoje, ninguém sabe como surgiu ou quem iniciou o boato de Tapacurá. Conforme a abordagem de Fonseca (2011), especula-se que tenha sido um plano terrorista promovido pelos comunistas de plantão do referido período. Mas não há provas claras e contundentes sobre essa possibilidade. São apenas suposições.

Na verdade, este é, ao mesmo tempo, o grande mistério e charme do episódio, que ficou guardado na memória da população do Recife e que, de vez em quando, sempre vem à tona.

Em 2011, o “fantasma” e a “psicose” das enchentes vieram novamente rondar a mente do recifense. Rumores de uma possível grande inundação deixou a população em alvoroço na tarde do dia 05 de maio daquele ano. As informações repassadas através da internet e pelo celular diziam que o nível do Rio Capibaribe estava bastante elevado devido a abertura de comportas de suas barragens e, com a chegada da maré alta até o anoitecer, a cidade ficaria submersa. Percebeu-se que o uso de duas ferramentas tecnológicas, que não existiam em 1975, acelerou e incentivou os rumores e, conseqüentemente, a agitação nas ruas que, felizmente, não foi tão desesperadora e trágica como a que ocorreu na década de 1970. Aliás, ninguém cogitou ou gritou: “Tapacurá estourou!”

Verifica-se que, mesmo ocorrendo em épocas distintas, os dois episódios envolvendo rumores e boatos alarmistas possuem características em comum: acontecimentos prévios ligados a fortes chuvas e problemas de enchentes; distorções e má interpretação de informações divulgadas pela imprensa e pelos órgãos governamentais; e a memória e a cultura coletiva, na forma de medo, ansiedade e repasse de informações, relacionada ao histórico das inundações.

Em 1975, foi espantoso que, mesmo não possuindo a tecnologia de 2011, o grito “Tapacurá estourou!” se propagou de forma veloz em vários pontos da cidade num curto espaço de tempo, o que tornou esse episódio de boato alarmista mais impressionante, pois houve uma mobilização social em torno da produção e disseminação de uma informação, mesmo sendo falsa.

É verdade que uma conjunção de acontecimentos contribuiu para se dar crédito ao boato de Tapacurá. Como já foi discutido no decorrer deste trabalho, toda vez que questões importantes ficam sem respostas, o boato toma a frente e propõe soluções. Isto explica, em parte, o fato do boato ter sobrevivido e ter retornado, em feições

diferentes, mais de 35 anos depois. Além disso, ele atingiu em cheio uma zona ultrassensível da população pernambucana: o trauma das enchentes, ou seja, uma característica cultural e histórica dos habitantes da região.

De fato, as pessoas possuem uma tendência natural a acreditar em informações que confirmam ou correspondam melhor as suas crenças e concepções. Da mesma forma, também tem uma propensão a descartar tudo o que contradiz a sua visão de mundo. Isso acontece porque se busca, na maioria das vezes, satisfazer apenas determinadas necessidades perceptivas ao invés de avaliar objetivamente a veracidade das informações.

Por outro lado, vale salientar que, tanto o acontecimento de julho de 1975 quanto o de maio de 2011, representam um chamado à responsabilidade da comunicação oficial. Apesar de alguns avanços neste sentido, muitos setores governamentais ainda se mostram inertes e incapazes em algumas situações para disseminar informações corretas e evitar, assim, que a população sucumba a temores infundados.

Foi dito na introdução deste trabalho que muitas pessoas acreditam que onde há fumaça sempre haverá fogo. Isto é um grande equívoco! Muitas vezes, o “fogo” que certas pessoas acham que existe é mero fruto da sua imaginação, que não deixa de ser uma expressão da sua memória e da sua cultura. E, por outro lado, essa “fumaça” avistada pode ser uma simples névoa de pré-julgamentos que está em seus próprios olhos. O que não é dito e o que não é informado de forma satisfatória, acaba se tornando um criadouro de rumores e boatos.

Todavia, mesmo que a maioria não seja tão crédula e não siga esse preceito, a presença de um simples boato pode deixar uma nuvem de desconfiança, uma sensação negativa, que pode, em última instância, afetar nossas crenças, avaliações e comportamentos.

O estudo sobre o boato tem muito a ver com a psicologia de pessoas e de grupos. No caso dos alarmistas, não há tempo de se procurar a origem da informação, de avaliar e questionar sua veracidade. É preciso agir rápido, tomar uma decisão em meio às incertezas.

Em discordância de outro ditado popular, nem todo boato tem um fundo de verdade, mas, certamente, todo boato tem algo a ensinar sobre o comportamento das pessoas, o funcionamento das sociedades e o modo como elas produzem e usam as

informações. Vale a pena lembrar que “as pessoas não processam as informações de forma neutra” (SUNSTEIN, 2010). Suas interpretações afetam suas reações.

É importante frisar que este trabalho não pretende encerrar a pesquisa sobre a dimensão da análise dos boatos. Pelo contrário, pode ser o início de uma série de abordagens, servindo como fonte de inspiração para estudos mais direcionados e aprofundados sobre o tema em questão. É possível e viável avançar mais nesta abordagem. O estudo apresentado possui indicativos para novas possibilidades de investigação e articulação dos vários tipos de boatos e enfoques no âmbito da Ciência da Informação.

Através do momento paradigmático pós-custodial, a CI tem lançado um novo olhar para o seu objeto de estudo, ultrapassando os limites dos sistemas e do acesso à informação, para entender o uso e sentido que o indivíduo dá a informação dentro do seu contexto.

Sem dúvida, a CI tem um papel a desempenhar frente aos problemas de informação, como compreender, tratar e oferecer melhores sistemas de informação e serviços. Mediante esses fatores, a interdisciplinaridade, observada em diversos estudos, tem um aspecto fundamental e pode auxiliar significativamente para novas pesquisas.

A perspectiva da CI sobre o fenômeno pode, por exemplo, ajudar a corrigir erros e falhas no fluxo informacional e, conseqüentemente, prevenir ou reduzir o impacto de boatos alarmistas numa determinada sociedade ou em algum tipo de organização. Como foi visto, informações totalmente infundadas podem transitar tão facilmente na sociedade quanto as verdadeiras e provocar os mesmos efeitos mobilizadores ou nocivos.

Certamente, após a realização deste estudo, o mistério do episódio de Tapacurá não ficará mais tão misterioso assim. Além de apresentar e discutir a presença, a ação e a influência que o boato exerce no cotidiano das pessoas, sendo parte integrante das relações e contextos da realidade social, o trabalho identificou a responsabilidade da memória e da cultura na produção e propagação do grito “Tapacurá estourou!”, e que pôde ser representado e analisado através de um regime de informação.

À propósito, o boato de Tapacurá não pode ser visto apenas como uma história, trágica para muitos, cômica para outros, que, de vez em quando, é sempre bom e nostálgico lembrar. Não! O episódio contém muitos elementos e perspectivas de

estudo, ainda não completamente exploradas, em vários campos do conhecimento. Chegado ao término desta pesquisa, pode se concluir também que, além das justificativas iniciais, ela possibilitou explorar mais esse rico território de análises do episódio do boato. Portanto, não há dúvidas de que a CI tornou o grito de um fenômeno info-comunicacional mais interessante, charmoso e sedutor.

REFERÊNCIAS

- 89 mortos pelas cheias no Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 21 jul. 1975. Capa. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 20 abr. 2017.
- ALLPORT, G. W.; POSTMAN, L. **The Psychology of rumor**. New York: Henry Holt and Company, 1948.
- ALMEIDA, C.C.; BASTOS, F.M.; BITTENCOURT, F. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da Ciência da Informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v.6, n.1, p.68-89, 2007.
- ALTO-FALANTES e rádios orientaram o povo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 jul. 1975. Primeiro caderno, p.3. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 21 abr. 2017.
- ALVES, R.C.V.; CONEGLIAN, A.L.O.; FURLANETO NETO, M.; ORDONEZ, S.A.D.; RIZZI, I.R.F. Ciência da Informação e a pós-modernidade: considerações sobre o status científico. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v.6, n.1, p.41-54, 2007.
- ARAÚJO, V. M. R. H. de. Sistemas de informação: nova abordagem teórico conceitual. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, p.54-75, jan./abr. 1985.
- ARAÚJO, C.A.A. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.38, n.3, p.192-204, set./dez. 2009.
- ARAÚJO, C.A.A. O que é Ciência da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v.19, n.1, p.01-30, jan./abr. 2014.
- BACCEGA, M.A. Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.12, p.7-16, maio/ago. 1998.
- BARRETO, A.M. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p.161-176, jul./dez., 2007.
- BAZI, R. Produção da informação nos campos da Ciência da Informação e comunicação jornalística: possíveis interfaces. **Intexto**, Porto Alegre, v.1, n.18, p.1-14, jan./maio, 2007.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP/Cátedra Unesco, 2004.
- BRAGA, E.S. **A construção social da memória: uma perspectiva histórico-cultural**. Ijuí: Unijuí, 2000.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**: os polos da prática metodológica. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUCKLAND, M.K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

BUENO, M. **A origem curiosa das palavras**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BUFREM, L.S. Configurações da pesquisa em ciência da informação. **DataGramaZero**: Revista de Informação, Rio de Janeiro, v.14, n.6, dez. 2013.

CAPLOW, T. Rumors in war. **Social Forces**, n.25, p.298-302, 1947.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CARVALHO, L.M. **As Bibliotecas Universitárias de Portugal e Nordeste do Brasil**: estudo sobre o impacto e mediação das tecnologias digitais. 2013. 296f. Tese (Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2013.

CHEIAS. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 jul. 1975. Primeiro caderno, p.2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 25 abr. 2017.

CORNELSEN, J.M.; MIRANDA, M.K.F.O. Sentidos e acepções da memória: da custódia à pós-custódia. **Página a & b**, série 2 (5), p.131-164, 2010.

DIFONZO, N. **O poder dos boatos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FIGUEIREDO, N.M. O processo de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.119-138, 1979.

É A MAIOR tragédia do século no Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 jul. 1975. Capa. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 20 abr. 2017.

ECÓLOGO: rio reclama seu leite. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 jul. 1975. Primeiro caderno, p.3. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 26 abr. 2017.

ENGARRAFAMENTOS. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 jul. 1975. Primeiro caderno, p.6. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 26 abr. 2017.

ESTEVEES, E. Entenda o que são barragens e como elas funcionam. **Leia Já**, maio 2017. Disponível em: < <http://www.leiaja.com/noticias/2017/05/31/entenda-o-que-sao-barragens-e-como-elas-funcionam/> >. Acesso em: 23 set. 2017.

FONSECA, H. **Tapacurá**: viagem ao planeta dos boatos. Recife: Cepe, 2011.

FRANCELIN, M.M. A epistemologia da complexidade e a Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n.2, p.64-68, maio/ago. 2003.

FREIRE, G.H.A.; FREIRE, I.M. **Introdução à Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FREIRE, G.H.A.; SILVA, J.L.C. A configuração do campo da ciência da informação: marcas de uma identidade. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, p.161-174, número especial 2012.

FROHMANN, B. Talking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE, 23., 1995, Edmonton, Alberta, 1995.

GAIARSA, J.A. **Tratado geral sobre a fofoca**: uma análise da desconfiança humana. São Paulo: Summus, 1978.

GONDAR, J.; DODEBEI, V. (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

GONZÁLEZ DE GOMES, M.N. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.7-31, 1999.

_____. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.1, p.31-43, 2003.

HÁ motivo para a chamada “psicose das enchentes”? **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 jul. 1975. Primeiro caderno, p.5. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 27 abr. 2017.

HOYLER, S. O boato: comunicação patológica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.6, n.21, p.59-74, out./dez. 1966.

KAPFERER, J. N. **Boatos**: o mais antigo mídia do mundo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KNAPP, R. A psychology of rumor. **Public Opinion Quarterly**, v.8, n.1, p.22-37, 1944.

KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LEFEBVRE, G. **O grande medo de 1789**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MARTELETO, R.M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, 1995.

McGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MIRANDA, M.K.F.O. **O custodialismo e a teoria da intencionalidade**. Recife: Nectar, 2012.

MOURA desmente o boato de Tapacurá. **Diário da Manhã**, Recife, 22 jul. 1975. p.3. Disponível em: < <http://www.acervocepe.com.br/diario-da-manha.html> >. Acesso em: 15 maio 2017.

MULLER, F. M. Definindo boato. **Veritas: Revista de Filosofia da PUCRS**, Porto Alegre, v.61, n.2, p.425-436, maio/ago. 2016.

NEVES, D.A. Ciência da Informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.1, p.39-44, jan./abr. 2006.

NOTAS oficiais. **Diário de Pernambuco**, Recife, 21 jul. 1975. Primeiro caderno, p.5. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> > Acesso em: 20 abr. 2017.

ODDONE, N.E. **Atividade editorial & Ciência da Informação: convergência epistemológica**. 1998. 266f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

ORLANDI, E.P. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2008.

PERNAMBUCO DE A-Z. Disponível em: < <http://www.pe-az.com.br/o-estado/fenomenos-naturais/1400-enchentes> >. Acesso em: 23 maio 2017.

PETERSON, W.; GIST, N. Rumor and public opinion. **American Journal of Sociology**, n.57, p.159-167, 1951.

PIGNATARI, D. **Informação, linguagem, comunicação**. 3.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PONTES Velha e da Torre sob a vigilância especial da Codecipe. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 jul. 1975. Capa. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 25 abr. 2017.

PRASAD, J. The psychology of rumor: a study relating to the great indian earthquake of 1934. **British Journal of Psychology**, v.26, p.1-15, jul. 1935.

QUEIROZ, D.G.C.; MOURA, A.M.M. Ciência da Informação: história, conceitos e características. **Em Questão**, Porto Alegre, v.21, n.3, p.25-42, set./dez., 2015.

RAMON-CORTÉS, F. **Vírus: o perigo do boato nas empresas**. São Paulo: Editora Acadêmica de Inteligência, 2008.

RENARD, J.B. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.32, p.97-104, jan./abr. 2007.

SANTOS, J.L. **O que é cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./abr. 1996.

SHIBUTANI, T. **Improvised news**: a sociological study of rumor. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company, Inc., 1966.

SIEBERT, S.; PEREIRA, I.V. O efeito de verdade no funcionamento discursivo dos boatos. **Revista Virtual de Letras**, Jataí, v.8, n.1, p.354-365, jan./jul., 2016.

SILVA, A.M. **A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico**. Porto: CETAC, 2006.

SILVA, A.M.; RIBEIRO, F. **Das Ciências Documentais à Ciência da Informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SOUZA, E.D.; BEZERRA, E.P.; SILVA, Z.C.G.; GUIMARÃES, I.J.B. Regime de informação: abordagens conceituais e aplicações práticas. **Em Questão**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.60-86, maio/ago., 2016.

SUNSTEIN, C. R. **A verdade sobre os boatos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

TERRA, A.L. A metodologia quadripolar de investigação científica aplicada em Ciência da Informação: relato de experiência. **Prisma.Com**, Porto, n.26, p.45-66, 2014.

TODOS ouviam a notícia e ninguém sabia sua origem. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 jul. 1975. Primeiro caderno, p.6. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital> >. Acesso em: 26 abr. 2017.

VALENTIM, M. L. P.; TEIXEIRA, T. M. C. Fluxos de informação e linguagem em ambientes organizacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, n.2, p.151-156, maio/ago. 2012.

VILA NOVA, S. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Atlas, 2013.

VOMERO, M.F. Boatos e fofocas, ouvi dizer que. **Superinteressante**, set. 2002.
Disponível em: < <http://super.abril.com.br/historia/boatos-e-fofocas-ouvi-dizer-que/> >.
Acesso em: 07 jul. 2017.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, p.229-239, mar./abr. 1993.